Jornal das Moças

Anno III - N. 46

1 - Abril 1916

400 REIS

A. FABIAN RIO

Senhorita Celina Tavares

MASSAGENS DO ROSTO

(PARA SENHORAS)

Citam-se, muitas vezes com espanto, casos de senhoras que vivem por assim dizer no gozo de uma eterna mocidade. Para ellas não chega nunca essa phase em que as rugas iniciam o trabalho de afeiamento da pelle. Por outro lado, são frequentes os casos de velhice precoce: na primavera da vida, encontram-se moças com a epiderme engelhada, cheia de vincos, sem côr e sem belleza. O segredo para a conservação da mocidade, para manter na expressão physionomica esse frescor primaveril tão indispensavel ás senhoras, está, sobretudo, nas massagens do rosto, nesse meio que determina a saude, o robustecimento do tecido epidermico, a vida e a côr da pelle. No *high-life yankee*, não ha senhora que, periodicamente, não submetta o rosto ás massagens, cujo effeito conservador é inquestionavel. A mocidade, mantida e assegurada por esse meio, está ao alcance de todas as senhoras de tratamento, representando uma necessidade da vida social elegante.

Mme. GEORGETTE

CABELLOS SUPERFLUOS

A natureza tambem tem as suas maldades. As mulheres, cuja formosura é talvez a sua obra mais admiravel, são, não raro, victimas della. Vemos, frequentemente, creaturas de rosto encantador, de formas admiraveis, tendo, ao lado desses encantos, defeitos physicos que os annullam do modo mais cruel. Destes, especialmente entre nós, o mais commum é, sem duvida, o da distribuição de cabellos pelo rosto feminino. A cada passo encontramos senhoras verdadeiramente bellas, com a linha das raças superiores, traços delicadissimos, tez perfeita, olhar cheio de fulgor e intelligencia, mas, infelizmente, prejudicadas pela presença de pellos no rosto, á semelhança de barbas, o que sobremodo lhes rouba a doçura, a suavidade, que é a caracteristica da expressão physionomica da mulher. Quantas moças, por serem portadoras desse defeito, não evitam as reuniões elegantes, as festas *chics*, soffrendo assim as consequencias de um stygma de que não são culpadas? Na America do Norte, os homens de sciencia encontraram o modo de corrigir o erro da natureza. Alli, por meio de rapidos processos electricos, que não produzem dôr nem offendem a pelle, liberta-se o rosto feminino desse caracteristico que pertence ao homem. E o melhor é que nunca mais os cabellos voltam a apparecer.

INSTITUTO DE BELLEZA NORTE-AMERICANO Rua do Ouvidor, 155 -- Rio de Janeiro

Telephone 1836 -- Norte

As nossas melhores Escolas

O JOVEN ENCANTADOR

Historia tirada de um palimpsesto de Pompeia

(Charles Baudelaire), traducção de Ribar

DURANTE as escavações, feitas em presença do rei de Napoles, no tempo da restauração de 1815, achou-se numa das alcovas da casa de Acteon uma grande pintura a fresco de uma belleza muito particular, representando um grupo de nymphas cujos olhares estavam voltados para a figura principal. Atraz desta, um joven Amor, pendido galantemente em seu hombro, parecia segredar-lhe algum mysterio. A graça exquisita das fórmas, o gesto vivo e activo do pequeno segredista, o elegante porte das nymphas e mesmo o singular esplendor das cores que dezesete seculos tinham respeitado, attrahiam os olhares de todos os artistas e de todos entendidos. Naturalmente a imaginação italiana poz-se em busca de uma explicação e um historico para o incomparavel fragmento.

Cada dia surgia uma nova interpretação, mas o caracter essencial da probabilidade faltava a todos igualmente.

Entretanto, a historia da pintura mysteriosa não estava destinada a ser um segrdo perpetuo. Nos primeiros mezes do anno de 1836, um desses manuscriptos feitos em papyro, submettidos agora a um excellente processo de desenrolamento pelo cavalleiro Collini de Napoles, foi aberto, deixando ver o frontespicio da primeira parte, em minatura, a pintura. O manuscripto, todo desenrolado, continha a presente historia, sobre a qual fôra calcado incontestavelmente o desenho de que era illustrada, historia que damos com todas as mutilações que a fragil materia do rolo, de metade calcinada, tornou inevitaveis. A maior destas lacunas encontra-se justamente no começo, desafiando ainda a erudição de todas as academias italianas, e deixando o campo livre a sua industria imaginativa.

....

— O' Callias, estou cançado do mundo!

— Enganas-te, Sempronius, tu estas cançado de tudo, menos do mundo.

— Eu sei o que digo. Callias, falo sériamente. Mas como provar-te, como te fazer crêr em alguma cousa? Tu, Callias, sceptico de profissao; tu, bello espirito atheniense; tu, negligente pirata, conhecido em todos os mares do prazer, no Grecia e n'Asia; tu, ó Callias, phalena que pousas de flôr em flôr atravez de todos os jardins da loucura humana, como poderas crêr nessa lassidão infinita, neste desgosto profundo de tudo que a terra possue? E's um animal epicurista.

— Não, melancolico philosopho, enganas-te ainda. Sou um verdadeiro Epicuro: delicado em meus desejos, reservado em minhas familiaridades, terno em minhas estimas e meus amores. Sou cruel e desdenhoso para as minhas miseraveis casas de campo, e, verdadeiramente, o unico cuidado que me atormenta neste instante é saber se irei amanhã para a minha cidade sobre as margens do Tibre ou se devo passar meus languidos dias na fresca atmosphera de minha gruta, em Sinium, emquanto durar o reinado dessa amorosa e pestilencial estrella.

O astro de Sirius se elevava e o brilho que lançava este rei das costellações enchia dum vivo esplendor todo o golpho de Napoles. O joven e bello romano dardejando sobre a natureza um olhar dos mais intensos, suspirou de preferencia a falar:

— Oh! não posso mais com o desejo de sacudir o peso da vida e tomar meu voo, como esses gloriosos viajantes do empyrio, tão longe dos labores desta existencia estão elles, tao longe das nuvens impuras!

A estas palavras, num movimento inconsciente, elle tirou da sua cinta um pequeno punhal e o brandiu, elevando-o a luz do sol que se obumbrava no occidente, fazendo reluzir sua lamina.

Callias ergueu-se subitamente e, gargalhando, lembrou ao moço enthusiasta o estado presente de sua vida.

— Não ha senão dous modos de explicar a tua situação, exclamou o cruel motejador; um homem não encara assim os punhaes senão por amor ou vingança: conquistar uma amante ou desfazer-se duma esposa é sempre a mesma cousa!

«Porém tu, Sempronius, como pódes propender para taes emprezas?

«Tu, notoria e publicamente, o mais admirado e o mais invejado de todos os homens que têm votado um culto sincero ao luxo, as graças e as bonitas pernas do Palatino! tu, o tribuno da legião imperial! tu, para quem os perfumes vêm directamente da Persia, as vestes, do paiz miraculoso em que os versos são feitos por tecelões e as joias das margens desconhecidas do Indo! tu, o primeiro e o mais favorecido dos adoradores da moda, que belleza ousaria resistir ás tuas innumeraveis seducções!

Eis a languida resposta de Sempronius:

— Callias, eu não respondo ás tuas zombarias. Mas olha acolá aquelle escravo que trabalha e se fadiga ainda sob os ultimos raios deste dia abrazador. De bom grado eu agora trocaria a minha sorte pela daquelle misero vivente! Tu encaras-me com longos olhares! Escuta-me e tu não me comprehenderás. Presentemente o céo não cobre um sêr mais desgraçado que o teu amigo Sempronius, ainda que o mundo inteiro o circumde de risos.

Neste momento, as criadas que vieram annunciar a refeição da tarde, o impediram de começar sua historia. Callias era immensamente rico e possuia o gosto exquisito dum grego. Elle conduziu seu amigo para um triclinio onde tinha reunido uma collecção das mais linda pinturas, recolhidas, com grande trabalho, em Corintho e nas ilhas. Esta camara, deliciosamente esculpturada e adornada, dava para o poente e o sol rejubilava-se por saracotear seus raios carmezins atravez do crystal das janellas.

O nosso distribuidor em Villa-Izabel.

— Vês que aqui, disse Callias, sem dissimular o orgulho do colleccionador, segui um plano differente do dos teus romanos, que fazem ostentação em materia de elegancia. Elles collocam seus quadros á luz, a mais cheia, no logar o mais claro e mais saliente de seus aposentos. Quanto a mim, os trato como os amigos de minha alma, venho conversar com elles o mais longe possivel do tumulto geral, e, para tornar nossa conversação ainda mais interessante, celo em sua graciosa companhia.

Seu amigo, mau grado o peso que opprimia seu coração, não pôde deixar de encontrar algum prazer na exquisita elegancia que brilhava em cada objecto que encontrava o seu olhar, e mais ainda na feliz disposição dos quadros. Ao envez de collocar a todos igualmente a mesma intensidade do dia, Callias os tinha collocado de maneira que cada um nao podia receber de luz senão o necessario para fazer brilhar tudo o que era vantajoso em sua expressão mais completa.

— *Uma dança de jovens lacedemonios nas margens do Eurtas, á tarde*, estava collocada no logar em que o sol, occultando-se, lançava sobre o quadro todo o seu esplendor; as cristas das montanhas abrasavam-se lentamente, porem natural, e por assim dizer, ao vivo; as florestas, dispostas sobre seus flancos agitavam-se, sombreadas dum ouro natural; os elmos mesmos e os ligeiros escudos que levavam as moças em seus galantes simulacros de guerra, eram illuminados, como de aço verdadeiro, pela omnipotencia dos raios solares.

Num canto, bem retirado e não podendo ser tocado senão dum dubio raio luminoso, estava uma *incantação* thessalica solemne severa e terrivel! No recesso dos bosques, através dos quaes se moviam magestosas fórmas de espectros, tomava um aspecto ainda mais sombrio, pelo fraco raio de luz que nao servia, como um ligeiro pincel, senão para enriquecer a sombria pintura de alguns toques mais claros.

Em cima, estava emmoldurada em uma guarnição de alabastro, ricamente trabalhada, uma obra prima de Alcamenes da Ionia.

Era o Olympo e a scena descripta por Homero, em que Venus, na assembléa dos Deuses, vem implorar a Jupiter e o torna propicio aos Troyanos. Com essa prodigalidade dos millionarios que sacrificam montões de riquezas e thezouros de engenho para o goso dum segundo, mas o goso supremo, o goso elevado aos ultimos limites do possivel pelas imaginações mais extraordinarias, essa gloriosa producção não podia ser vista senão quando o sol descambava no occaso.

Os dois amigos preparavam-se para esse goso passageiro e supremo, emquanto uma pyramide de flamulas ja se espalhava lentamente pela face do quadro.

Toda a parte superior estava então envolta em trévas, quando a luz começou a illuminar a fralda da poderosa montanha. Esse raio, dardejado como uma flexa immovel, subiu pelos valles de vinhas e oliveiras até a região nebulosa, não calcada ainda por nenhum pé humano. Um minuto depois, o raio attingiu a região dos Deuses e os envolveu numa atmosphera de ouro. Tudo o que era a principio invisivel ou que não podia ser visto senão atravez de vagas trevas, brilhava agora num excessivo esplendor. Os thronos das diversas deusas, dispostos em circulo, dardejavam as cores de todas as joias conhecidas dos ourives mortaes e das pedrarias e gemmas só conhecidas pelos deuses. O corredor que conduzia ao grande throno era calçado de estrellas. Uma auréola resplandecente de diamantes era o veo que envolvia vagamente o rosto do soberano dos mundos celestes.

A invasão rapida do raio solar, quando atravessou o circulo excelso e bello, pareceu encher subitamente tudo de vida e de movimento.

Ao centro estava ainda uma fórma, envolvida apparentemente por uma nuvem, mas que a luz, tocando-a de subito, tornou-a distincta, como se um nevoeiro real se evaporasse e se fundisse por esse beijo abrazador.

Essa fórma era Venus curvada e supplicante em presença do pai dos deuses. Toda sua belleza estava deliciosamente radiante. Acabava de erguer a bella frontre. Em seu olhar brilhavam novos esplendores e sua face estava injectava dum duplo escarlate, transportado para seu rosto pela agitação de seus sentimentos e pelo ardor de sua prece. Sua attitude era uma mescla de nobreza e de humildade; mas seu semblante, seu indiscriptivel semblante, era amor, só amor, o mais intenso amor!

Callias lançou sobre esse maravilhoso trabalho o glorioso golpe de vista do amador; porem o joven italiano deu um grito, envolveu sua cabeça nas dobras de sua veste e lançou-se de joelhos diante das pinturas, como num accesso de adoração.

Quando se ergueu, o dia tinha expirado; a pintura estava em trevas; e tudo tinha desapparecido como por um milagre necromantico.

. . . .

— Assim, estás determinada a percorrer o mundo, em busca do teu sonho, licorne desconhecido, monstro innominado, a ver o invisivel, a procurar o que não se pode achar!

— Meu joven e bello amigo, ouve meus conselhos e deixa essas peregrinações aos sonhadores.

«Volta á Roma e dize ao teu excellente tio que estás prompto a desposar o dote de sua filha. Esse dote! tivesse ella a imprudencia de ser dez vezes mais rica! Dize-lhe que ès um filho obediente e que não tens nenhuma idéa do contrariar a vontade de teu bom pai. Quanto á noiva, seja ella linda como as tres graças e amavel como a mãe dos dous amores (Eros e Anteros). Então, tendo cumprido humildemente tua obediencia filial e dado uma boda que fará Roma falar de ti durante vinte e quatro horas, enfeita teu capacete, se ainda te assaltar o desejo das viagens, e vai combater contra os Partbos ou extinguir o nome de Alexandre e construir trophéos sobre o Indo, para serem um dia calcados pela sandalias do selvagem, que utilisará as ruinas de teu masoléo, guardando ahi sua marmita e pendurando em teus illustres ossos os seus rudes utencilios de caça!

Assim fallou Callias, que já nem podia pôr freio á sua zombaria. Mas elle teria retido provavelmente a sua linguagem, se tivesse lançado um olhar á physionomia de seu amigo. O moço italiano tinha, a principio, ouvido com um sorriso incredulo e languido, mas finalmente, o assumpto, tocando-o intimamente, contrahiu o sobrôlho, e com o labio serrado e a voz tremula, estigmatisou o Grego com frias imprecaucções de uma colera concentrada.

— Eu confiei a ti, a ti sómente, entendes-me? exclamou o ardente Romano, a desgraçada, não, a desolada, a lamentavel situação de minh'alma! Eu te disse que a loucura, para não dizer a feroz resolução de minha familia, que não quiz deixar-me livre a escolha em uma acção que só me dizia respeito, inspirou-me um um horror precoce por quem eu devia sacrificar toda a razão, sentimento e vontade; e que, loucamente irmanados em nossa infancia no burlesco designio de aprendermos a amar-nos, tomamos um odio invencivel um pelo outro e separamo-nos desde então para nunca mais nos vermos.

— Resoluções de duas crianças estouvadas! Disse Callias, que se conservava agora sobre suas guardas e não queria pôr em talas o seu amigo. Por ventura são estas resoluções pactos indestructiveis, uma religião inabalavel para os maduros annos? Nada ha sob os astros que não mude, é tudo chrysalida. Ficaremos nós com o olhar fixado sobre o oriente para vermos o sol elevar-se quando elle arranja o seu travesseiro com as nuvens do Occidente? Vossa prima acaba de passar a idade da infancia; ella é talvez terna como Hebe e alegre como Flora, a rainha das flores. Não tiveste tu a curiosidade de vel-a depois dessa terrivel batalha por que passou durante a amamentação?

— Vel-a de novo! replicou Sempronius, ella, esse instrumento de tyrannia paternal! Nunca tive esse desejo, nem terei jámais, pois si foi isso que me lançou bem cedo para longe de Roma! Um dia depois, montava a cavallo, como centurião de cavallaria na legião imperial, sendo enviado para o serviço de Pannonia. Vivi na Asia Menor.

(Continua)

Dois amigos que havia muito tempo se não viam encontram-se um dia por acaso.

— Como estás? disse um delles.

— Não estou bem, respondeu o outro, casei depois da ultima vez que te vi.

— Boa noticia!

— Não é de todo boa, pois casei com uma mulher de muito máo genio.

— Tanto peior.

— Não é tanto assim, pois tinha nove contos de dote.

— Então... isso consola.

— Não muito, pois empreguei esse dinheiro em carneiros, que morreram de gafeira.

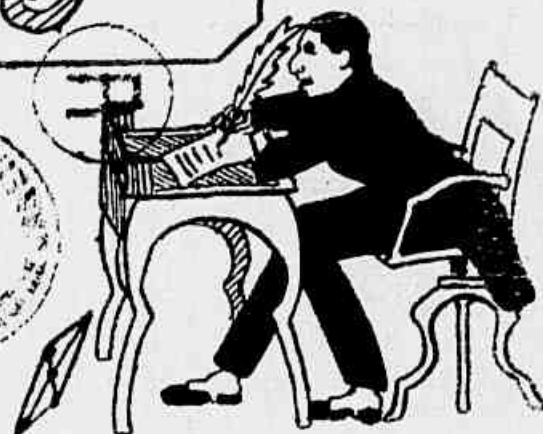
— Na verdade é cousa triste.

— Não é tão triste como pensas, pois as pelles produziram mais do que dei pelos carneiros.

— Nesse caso estás indemnisado.

— Não de todo, pois que a casa em que tinha guardado o meu dinheiro acaba de queimar-se.

— Oh! que grande desgraça!

— Não é tanto como julgas, meu amigo, porque minha mulher e a casa arderam ao mesmo tempo.

A' Mariquinhas

Teu doce e meigo olhar prediz-me a terna esperança de um dia ser venturoso ao teu lado.

A.

A' Magnolia Triste

Estás triste desprezada, que fazer? Consola-te!!! e pensa no futuro que será coroado de rosas: e viverás sempre navegando em mar de rosas e em plena felicidade... Eu que sou infeliz, viverei sempre num oceano de amarguras, lutando contra a infelicidade.

Magnolina.

A' D. S. R.

O homem que ama em silencio, temendo confessar esta grande felicidade que lhe vê sorrir no coração, deve num rasgo de coragem e audacia, confessar o segredo de sua alma, não temendo o desprezo nem a indifferença que possa surgir!... Muitas vezes a timidez torna-se para o homem uma cobardia imperdoavel ao seu sexo.

Anilzouti.

Esperança

Meiga visão consoladora dos meus sonhos!

Mostras nas faces a pallidez marmorea dos sepulchros e tens nos olhos o fulgor das auroras! — Esperança! — pharol divino, estrella fagueira e scintillante, rocio benefico que fortalece meu coração abatido e exhausto de soffrer!

Oh! não me abandones... sem ti a vida seria para mim, um agudo e cruel espinho a ferir-me o coração fibra a fibra e a dilacerar-me a alma noite e dia... seria um cahos!... Quero viver sempre das tuas illusões para não cahir no abysmo aterrador da realidade onde só se ouve o arfar de corações despedaçados! — Esperança — palavra vaga e indefinida, companheira fiel da creatura que julga ser amada, aureola brilhante — alma do amor, não me desampares!

Orchidéa Roxa.

A quem amo

Na estrada tormentosa da saudade,
Caminho passo a passo sem cançar,
Ignorando esse dia desejado
De te vêr, de te ouvir, de te fallar.

E assim caminhando no deserto
Doloroso e tão arido do amor,
Supplico-te, por Deus, tem piedade
Deste peito tão triste e soffredor.

Nictheroy.

Ziléa.

Ao Dr. L. Silveira

A ingratidão é uma ira de um coração de bronze.

Campos, 15 — 1 — 916.

Edy.

A' Jujú

Desde que tu partiste, a noite e o dia
Tenho para soffrer!
Ha tanta dôr em mim, tanta agonia
Que vivo a padecer!

Volta, que a dôr desta saudade é tanta,
E é tanto o soffrimento,
Que eu não resisto mais, ó minha santa
Este cruel tormento!

Bangú.

José Pobre.

Dedicado á minha irmã Chiquinha

Assim como as flores purificam a atmosphera com o seu perfume inebriante, tu, querida irmã, dulcificas o meu coração com as tuas sinceras phrases de amizade fraternal.

J. Paiva.

A' G. de O.

O meu pobre coração, vive, como um preso; este espera o julgamento; e aquelle espera o teu verdadeiro amor!...

Jorge.

Jacarépaguá.

A Catita

Quando dois corações se amam profunda e verdadeiramente, só poderão ser separados pela morte!

A Florinda Ferreira

A saudade é um oceano de lagrimas em cujas aguas navega uma unica embarcação — a Esperança.

O. B. da Silveira.

A C. M.

Gosar a estima de uma mulher é a cousa mais sublime que pode existir na vida humana; mas quando vivemos na incerteza, é preferivel viver-se inclausurado em logar onde nem a luz se possa ver.

W. G. T.

Santa Cruz.

A quem me entende

Amar com toda vehemencia de um amor sincero, um ente que abriga no seio um coração voluvel, envolto no rio da hypocrisia, é converter a vida em fragil batel e expol-o ao livre arbitrio d'um oceano proceloso...

A' sempre lembrada...

A Esperança é a varinha magica que transforma a existencia amargurada em mar de anceios e illusões.

A. S. Bulcão.

Petropolis.

Ao Rufino

A esperança é o unico lenitivo que tenho em meu coração, dando-me resignação para viver longe de ti.

Mimi.

Ao joven J. Marçal

A tua imagem é a unica estrella que brilha entre as tempestuosas trevas da minh'alma.

D. G.

A' Esmeralda

Partiste — tua voluntaria separação muito me faz soffrer. Ingrata — sei que a mim não amas! Pura mentira! Só nesta solidão curtindo esta cruel dôr, sómente desejo de ti um olhar misericordioso.

Alvaro.

A' Consuelo

O homem que sinceramente ama, far-se-á matar para defender uma flôr tocada por aquella que ama.

Malva Maçã.

Ponte Nova — Minas

A ti, meu amor

O amor, este sentimento nobre e puro que se apodera dos nossos corações, vive quasi sempre de esperanças, cresce com a sinceridade e morre com a ingratidão.

Iei Pereira.

Campos — Rio de Janeiro.

O amor é uma alegria e ao mesmo tempo uma tristeza! A saudade é uma dôr pungente. Os corações sensiveis sentem uma dor bem profunda quando estão longe do seu bello ideal.

Grego.

Ao inesquecivel J. O. S.

Desejo esquecer-te, procuro desprezar-te, mas sinto que o meu coração será teu eternamente.

Zoé.

Para quem me comprehende

Em meu coração morreu o amor, em minha alma nasceu a dor.

L. M.

A alguem...

Adeus! scena commovente e sublime de dôr, em que as lagrimas falam mais do que a voz e os suspiros mais que quantas phrases podem exprimir os receios, as duvidas e o pezar de um apartamento de dois entes acostumados a ouvirem-se todos os dias, e a verem-se a todos os instantes!

J. H. Brito.

Petropolis.

A quem ainda amo

Sem esperança!...

Nas noites em que o firmamento está azulado e repleto de estrellas brilhantes, fico horas e horas silenciosa contemplando-as, para ver se no meio das innumeras, encontro a encantadora estrella da Esperança!... Mas... em vão!... Vão... os dias felizes, não voltam mais, ficam para a eternidade gravado no coração daquella que amou como um dilacerante soffrimento e para quem fingiu uma completa felicidade!...

Dhalia Dobrada.

A' querida amiguinha Elvira Fontes

Lembra-te?

Foi lá naquelle lindo e perfumado sitio onde o magestoso Parahyba reflecte a luz do meigo astro nocturno e deslisa cantante, que, obdecendo a mutua sympathia, commungamos a hostia pura da amizade.

Amazile.

A' quem já não existe

Meia noite! Hora tão triste para aquella que sente a dôr de uma saudade, motivada pela pessoa que mais idolatramos na vida. E' a hora que guardamos para as nossas reflexões, para pensarmos no ente querido.

E' neste silencio que vertemos lagrimas de saudades, por não podermos dar lenitivo á mizera dôr da ausencia eterna.

Uruguay.

Idealista.

O amor é o sentimento que nos anima e conforta!... sem elle o que seria a vida?... um barco sem leme, um corpo sem alma!

—

A' ....

Amar sem ser amado, é navegar entre rochedos em noite de cerração.

N. E. Benjamin Constant, 20 — 2 — 916.

C. Laudelino e C.

A' quem eu sei

No silencio daquella noite bella e serena, sob um céo recamado de estrellas, senti ao teu lado, a minh'alma embalada docemente pelo zephiro da esperança, evolar-se ás regiões mysteriosas do Amor!!!

—

A' quem me entende

Qual naufrago perdido no mar immenso e tempestuoso, sente-se feliz ao encontrar uma taboa de salvação, assim tambem meu fragil coração abandonado na erma solidão deste mundo ingrato, sentiu-se rejuvenecido, ao divisar ao longe, um outro coração capaz de tornal-o muito feliz e venturoso.

—

A' quem eu sei

Silenciosos estavamos, mas, nossos corações embriagados de tanta felicidade, comprehendiam-se mutuamente, trocando juras de um amor puro e sincero, sob o scintillar das estrellas e sob a luz diaphana e opulenta da lua!...

Myriam.

Resposta a Americo Leal

Não contesto que «a firmeza no coração dos homens seja impossivel de encontrar», mas tambem não deixarei de affirmar que a falta de tão preciosa qualidade seja motivada tão sómente pela grande volubilidade que elles constantemente, verificam no sexo bello.

Assim, pois, não sejamos injustos...

Botafogo, 15 — 2 — 916.

J. Silva.

A Edith

O teu amor é um balsamo consolador da minha existencia.

Myosotis.

A' amiguinha Amelia França

Longe de ti querida amiga, sinto-me abatida pela forte dôr da saudade.

Sinto-me profundamente melancolica com a tua ausencia.

A todos os momentos recordo-me do adi da minha tristeza.

—

A' J. G. D.

Nada mais triste para o coração de uma irmã amiga, do que a separação.

Mas tenho fé em Deus, que ainda havemos de viver juntas, felizes, sem que nada mais, a não ser a morte, nos possa separar.

Henriqueta R. C.

A' Rina

São pelagos de luzes esses teus olhos,
O mundo sideral nelles se encerra:
Fital-os, somos naufragos em escolhos
Sem jamais alcançar ditosa Terra.

Sylvia Guanabara.

A' Rodolpho de Sá Earp

O coração é um immenso lago, escoadouro do chrystallido rio — Lagrimas — que tem a nascente na fonte — Saudades — construida pela ausencia do idolo a quem dedicamos verdadeiro amor.

—

Ao inolvidavel grupo Petropolitano

A felicidade é um enigma; por mais que nos aprofundemos em conjecturas não encontramos solução.

Urze.

Ingratidão

A' ....

Emquanto eu sentir no peito
As chammas do amor desfeito
Por cruel ingratidão,
Maldirei sempre ó querida!
O viver quasi, sem vida,
Que deste ao meu coração.

Antonio Silva.

Para Pequenina

O máo juizo que de vez em quando, manifestas a meu respeito, não faz de modo algum, arrefecer a grande amizade que a ti me prende... Por isso, entrego-te toda a minh'alma num beijo.

T.

A ...

Assim como a primavera embelleza os campos, tambem o teu meigo sorriso embellezará eternamente o meu coração.

—

A' um academico

A lagrima é o lenitivo que procuramos, quando atrozmente abandonadas somos, pela pessoa a quem dedicamos verdadeira amizade.

Lucy.

A' Dhalia Encarnada

Em resposta do seu postal a M. F. Araujo.

Li o seu postal, apreciei-o muito, pois me trouxe intimas recordações de um ente que a esta hora se acha muito distante de mim.

Quando amamos e estamos ausentes do ente idolatrado do nosso coração, achamos a natureza tristissima, as estrellas sem brilho, e emfim tudo o que se póde dizer de triste; mas com a presença deste ente torna-se tudo grandioso e bello.

Não é verdade querida collega?!

Maria.

Ao primo Chiquinho

O maior desgosto que o homem encontra ao atravessar da vida é folhear o livro do passado, e encontrar nelle paginas negras que outr'ora lhe pareciam douradas.

—

Ao bello sexo

O coração da mulher é um vaso de perolas onde resguarda as lagrimas que o homem faz brotar dos seus encantadores olhos.

Madureira.

Mariano Campos.

SCENAS DO CARNAVAL

Carnavalescos num pequeno descanço em um baile de mascaras

As paixões e os sentimentos na mulher

Traduzido do francez pelo nosso distincto collaborador
Salomão Cruz

Continuação do n. 45

A idéa da belleza é relativa nos differentes povos, de accordo com o seu grau de civilisação, do desenvolvimento intellectual. Entre as nações que mais brilharam nas sciencias, artes e lettras, é que se encontram as idéas mais verdadeiras sobre a belleza, os typos artisticos mais perfeitos, as producções mais notaveis. A' medida que se desce na escala das civilisações, encontramos tambem degradações proporcionaes nos typos de belleza que constituem os homens. O selvagem ignorante e brutal deforma o typo original; refaz a obra da natureza, comprime as frontes, achata ou alonga os craneos. Certos povos da America preferem as frontes achatadas; os habitantes visinhos do Phase gostam mais que a cabeça tenha a fórma pontuda. O Kalmouch acha que os traços grosseiros e macissos de sua companheira são mais perfeitos do que o rosto da mais bella filha da Georgia.

O negro gosta dos labios grossos e revirados; o Mongol, de uma cara larga. Que differença dessas idéas de bellezas com a dos faustosos dias da Grecia! E entretanto, é preciso dizer, nosso typo captivou-nos pela graça, pela poesia, senão o fez pela fórma. Praxiteles e Phidias copiavam os attractivos de suas amantes, cortezãs conhecidas de toda a Grecia, e toda a Grecia admirava, adorava a belleza na corteza divinisada. Hoje, que o pensamento christão restituiu á alma o seu imperio, rendeu á materia a inferioridade que lhe é devida, a arte faltaria ao seu fim si se prostituisse desse modo. Pretende-se que a pintura, a esculptura, bem como a poesia, só copiam typos virtuosos e fazem palpitar a innocencia, a candura, a pureza, sob a fórma material da pintura, do marmore ou da palavra.

Hoje, as cortezãs não mais representam a belleza entre os christãos, mas sim as santas e as virgens. Além disso, facto admiravel e que prova bem que o homem foi feito antes que tudo para as coisas da intelligencia e do pensamento! a arte modifica-se forçosamente com as civilisações e com as religiões, que operam mudanças estupendas nas raças, só lhe bastando alguns annos para embellezar ou degradar os typos que ella deve copiar.

O rosto é o espelho d'alma, é nelle que se vem reflectir o pensamento com suas mil modificações; é elle que com sua espantosa mobilidade traduz exteriormente tudo o que a alma sente, experimenta ou pensa.

Pois bem! todas essas cordas vibrateis do rosto, harmonioso teclado do pensamento, permanecem mudas na maioria das vezes no sêr que não é dotado senão de uma fraca intelligencia. Contemplae a figura estupida do idiota. Si lhe falta?

Seu rosto possue physicamente todas as cordas necessarias á expressão; mas seu cerebro é impotente, o pensamento não os anima. Tocados por uma immobilidade quasi absoluta, seus traços só têm expressões grosseiras: dir-se-ia que apenas algumas carnudas massas constituem seu rosto. Este sêr degradado parece estar collocado no extremo limite da bestialidade. Mas, á medida que a intelligencia se eleva, destroe essa inercia que é propria da materia, e nada é tão admiravel como os clarões com que o genio illumina o rosto do homem. Cada traço se desenha para dar a cada estado da alma uma interpretação; cada paixão vem animar essa tela viva. A' medida que a intellingencia faz uma conquista e se engrandece, uma belleza a mais decora a face humana, uma nova expressão ahi brilha para traduzir um novo pensamento. De um outro lado, assim como havemos dito, o cerebro se engrandece e se desenvolve de accordo com a actividade que se lhe imprime. Todo o orgão que se deixa em repouso apaga-se ou atrophia-se até um certo ponto. Em todas as nações que passam do estado selvagem ou inculto a uma civilisação avançada, não se tarda em notar que o cerebro se expande, a fronte se estende, se eleva, para corresponder ás conquistas da intelligencia. Este facto é uma verdade que todos naturalistas, todos os observadores notaram ao mesmo tempo. Nossos missionarios constataram-n'o entre todos os selvagens convertidos á religião christã.

Nesse caso, a transição d'um estado normal abjecto e todo elementar, por assim dizer, a uma ordem de idéas elevada e sublime, era muito brusca para que a reacção physica não se fizesse com uma promptidão espantosa. Poder-se-ia, com o auxilio dos monumentos que a arte nos legou, seguir *pari passu* nos seculos essas transformações successivas de typos. Somos muito pouco versados nos conhecimentos especiaes que seria necessario ter, para fazer outra coisa que tratar perfunctoriamente e tocar de leve esse assumpto interessante. Veriamos primeiro a esculptura egypcia, com suas linhas rectas, com suas figuras talhadas em angulo recto, representar as idéas de força, de grandeza, de poder, de dominio, que deviam desde logo brotar d'essas civilisações fundadas pela conquista e apoiadas na força.

Na Grecia, a pintura e a esculptura têm um caracter inteiramente diverso: é a belleza physica e a voluptuosidade que dominam, casadas aos typos grandiosos da sciencia e da força. E' ahi que se encontra nos tempos antigos o mais bello periodo da arte; mas no meio d'essas figuras de deuses e de deusas, de mulheres voluptuosas e lindas, só se pensa na terra, nas felicidades e prazeres humanos. Nada de virginal e candido, nada de casto sobretudo, vem imprimir ás creações artisticas esta suavidade que perfuma a arte christã em todas as suas estatuas, em todos os seus quadros; nem um só olhar deixa de estar erguido para o céo. Os gregos não imaginaram sentimentos que unissem a alma humana ao seu Deus e que lançassem seus reflexos sobre as paixões e pensamentos humanos e embellezassem tão deliciosamente os traços physionomicos.

Passemos á Roma. Ahi todas as idéas estão voltadas para a conquista e a dominação. A arte toma um caracter de dureza e severidade extremas. Tudo toma o caracter nacional. Roma artistica nos espanta, desperta em nós grandes idéas de poder; mas não nos seduz e não nos encanta. Chega a transformação christã. Toda uma nova ordem de idéas e sentimentos se revela á alma humana. Clarões celestes vêm embellezar o typo artistico. As idéas do infinito, da eternidade, da espiritualidade da alma brilham no meio da obscuridade do paganismo, e em um unico dia a intelligencia faz mais conquistas do que todos os esforços que os seculos passados tinham podido conseguir. Tudo o que, nas crenças humilhava e aviltava o espirito, desapparece. A fronte do homem póde contemplar o céo, sua patria; seus destinos para ahi o chamam. A caridade, virtude nova, raio divino, vem illuminar o mundo. D'ora avante, a fraternidade do genero humano, a liberdade, a egualdade, ante Deus, são obrigações ou artigos de fé para todos.

A alma exalta-se nessas idéas grandiosas, a intelligencia consegue um campo completamente novo para si. O coração, por sua vez, se expande immensamente. A lei do amor, que Jesus pregou ao mundo, une todos os homens entre si; ensina-lhe calcar aos pés o egoismo e o amor da individualidade. O sacrificio é recommendado a todos. As mais sublimes virtudes tornam-se communs entre os fieis. Todas essas idéas, todas essas virtudes, todos esses sentimentos, suscitados na alma humana pela nova religião, deram á physionomia dos christãos uma multidão de expressões que faltavam aos pagãos. A carne foi vencida, e as sublimidades da alma triumpharam. A arte christã conquistou de repente suas mais preciosas qualidades: a poesia e o ideal. Certamente bem sabemos que essas transformações operadas então no mundo, quebraram a lyra na mão dos artistas. Perdeu-se, quanto á fórma, mas a idéa foi adquirida e se a mão parecia habil, a semente do genio estava nas almas.

(Continúa)

ANNO III RIO DE JANEIRO, 1 DE ABRIL DE 1916 NUM. 46

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Expediente ⋙ CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS ⋘
Anno . . . 10$000 — Semestre . . 6$000
Pagamento adeantado

Numero avulso 400 réis e nos Estados 500 réis

Director-proprietario F. A. Pereira

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos. As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Redacção e administração: RUA S. JOSE' N. 53, sobrado — Caixa postal 421

A GUERRA!

Esse marnel de torturas inenarraveis em que se chanfurda uma grande parte da humanidade, num sonho tremendo de conquistas, de tal modo se vae irradiando, na sua negra esphera de anniquilamento geral, que bem pouco falta para que o seu dilatadissimo manto de sangue venha estender-se pelas florestas virgens da livre America!

A alma brazileira já bastante se confrangia com a cegueira espantosa dessa carnificina cannibalesca a que se vão entregando, num excidio de morte, os povos mais civilisados do planeta.

Mas o genio da distruição, a harpia cruel do exterminio, o trasgo agourento da hecatombe humana, não cessou sem que á alma collectiva desta nação viesse apresentar o calix amargo da maior angustia, com o espectaculo da participação, nesse embate de milhões de vidas de encontro a toda especie de elementos portadores da morte, da veneranda terra de nossos avós.

Gentis leitoras, quantas de vós não viram a luz da existencia nesse "jardim da Europa á beira-mar plantado."

Quantas de vós, embora nascidas sob a esplendente rutilancia do Cruzeiro do Sul, não sentem bater no peito um coração, pelo sangue ligado a filhos dessa pequenina nação de heróes, mas tão grande para o vosso affecto!

Quantas de vós, a esse doloroso pensamento, á cruciante visão de tantas perdas de irmãos em perspectiva, não terão as suas noites povoadas de sombras, por entre os torvos pesadelos dos mais sinistros sonhos de desolação e de morte!

Mulher brazileira, de tal modo confundis em vossa sympathia e em vosssa pura affeição a companheira de vossas diversões, vinda á luz vital nesta encantadora região dos tropicos, com a que nasceu na terra de nossos antepassados, que essa luta implacavel e cruenta, cujo inicio já se desenrola, com seu espectro de distruição, em vossa retina de virgem, de esposa e de mãe, como si essa calamidade vos viesse attingir o proprio coração, que não exista certamente uma só de vós que em suas orações da noite, não eleve o pensamento ao Deus de vossa crença para que aplaque com sua misericordia e sua piedade o furor bellico dessa desvairada humanidade!

Portagal, cada pulsação patriotica que vibra em coração lusitano, ao partir para essa louca empresa de morte, ficae certo que será cada murmurio de prece que se desprenderá de labios purpurinos e angelicaes das virgens brazileiras em demanda do soccorro divino em prol da victoria de vossa causa, que é a causa da humanidade e da civilisação!

Cada quéda de um filho vosso em campo de batalha, podeis crer que não corresponderá só ás lagrimas da mulher portugueza que ao morto vivia ligada pelo sangue e pelo coração.

Tambem na terra de Santa Cruz, descoberta pelos vossos maiores e regada por tantos annos com o sangue generoso de vossos nautas e descobridores, outras mulheres desejosas do vosso triumpho e tão dedicadas á vossa missão civilisadora como os vossos proprios filhos, sentirão ao mesmo tempo, como verdadeiro movimento de telepathia da dor, a amargura atroz dessa desdita!

Meigas e generosas patricias, si vos fosse dado, num plebecisto de paz, fazer valer o que vae por vossas almas castissimas e bem formadas, neste momento de horrorosa carnificina, ah! com que alvoroço ebrisaltante, com que rumurosa e effusiva expansão dos vossos mais puros sentimentos, não sahireis para a praça publica a clamar por esse dia de redempção do genero humano, com a victoria da paz por sobre o tyrannico e barbaro egoismo dos governantes, presa da loucura ancestral da sua ambição de dominio!

Por sobre os vossos sonhos tão castos, não pairam certamenre mais que o ideal dc amor, levado aos ultimos limites da bondade, ligada á ventura humana.

Por essses sonhos não atravessa nunca o duende, espantalho sinistro da guerra, senão para dar idéa da perversão do homem no seu delirio de grandezas, muito embora sejam calcadas, pela bota insolente de seu despotismo, as mais bellas conquistas do genero humano.

Um individuo que seguia num bond electrico, cujos bancos estavam todos occupados, levanta-se ao ver entrar duas senhoras, que ficariam de pé si ninguem lhes offerecesse dois logares:

— O meu logar está á disposição de qualquer de Vas. Exas. Digne-se occupal-o, por exemplo, a mais velha.

Ambas ficaram immoveis, e o cavalheiro teve ensejo de tornar a sentar-se commodamente. E' que nenhuma das damas queria ser a mais velha...

Cartas de Amor

Querida.

Ainda sinto o rumor dulçoroso de teu beijo soar aos meus ouvidos numa suavidade harmonica e acalentadora, mostrando toda a minha organização pensante num extase de ventura sem nome.

Quando fugiste de mim, aquella caricia cheia da maior doçura deixou entre nós, emquanto tu corrias, uma verdadeira via-láctea de cousas indifiniveis.

Senti naquelle instante a abstração de tudo que me rodeava, o curso de minhas idéas estacou um momento para que tudo se resumisse na concentração daquelle teu primeiro carinho.

Naquella mudez placida e serena da natureza, emquanto os ultimos raios do sol tingiam a floresta de sua sombria côr melancolica e o folhedo suavemente murmura, cheio, de branduras encoerciveis e sem que um só de seus echos perturbasse a effusão de nosso amor, nos envolvia com a magestade de seu esplendor, compozeste com teu primeiro beijo o primeiro canto desse poema divinamente inspirado que o genio do amor vae cantando em nossa alma.

Bem me dizia o coração que o mais bello thesouro que affeição humana póde esconder num seio doce amado, tu o tinhas guardado para aquelle que te soubesse inspirar esses carmes cheios da mais suavissima poesia.

Que pagina mais bella poderias tu produzir em tua vida, na começada historia de teu amor, que o estalante contacto de nossas boccas, ante o silencio da natureza, sob o docel aromado das arvores em flor, e ao brando estremecimento de nossos corações que se comprimem? Depois daquelle beijo, todo o teu sêr desvendou-se aos meus olhos. Eu via-te, é verdade, como que envolvida numa atmosphera de affectos, mas segregada sob a cupula de frio monasterio, entregue á modorra sem scismas, semelhante áquella princeza encantada que adormecera durante meio seculo para despertar depois ao sôm de voz amada.

Via-te longe, numa planicie arida, onde não germinasse nem a rasteira bonina de um afago. Pensei que o meigo e o blandicioso de tuas expressões fossem apenas o brilho de tua intelligencia, nunca um movimento de teu coração. Acreditava que só depois do enlace de nossos destinos despertasse essa aurora ha tanto tempo anciada das divinas e secretas demonstrações affectivas de teu amor. Aquelle beijo, porém, foi uma revelação. Ao seu estalido, como que ouvi teu coração balbuciar: — «Amo-te muito! Sou tua, toma!»

E' impossivel que tua alma não se extravazasse toda de teu corpo naquelle momento para fundir-se em meu sêr.

Quando parti, as proprias estrellas dispersas como que me inundavam com suas fulgurações, sorrindo á minha ventura. Pelo alto, donde se destacava já a faixa extensa de luz electrica, que banhava a cidade numa deflagração apotheosica, o genio feliz de nosso amor como que ia cantando em nosso intimo a volata blandiciosa composta á lembrança daquella meiguice.

Em viagem de barca, a absorpção venturosa de todos os meus pensamentos de tal modo convergiam para aquelle unico ponto de teu affecto, que o murmurio das ondas, como que me fazia lembrar a doce barcarola dos mais gratos sonhos, evolados daquelle beijo teu.

Se me restasse ainda alguma duvida sobre o teu abandono amoroso, aquelle afago de teus labios — a mais expressiva e adoravel demonstração do que uma alma encerra de mais sincero e de mais apaixonado — tel-a-ia desfeito de todo.

Aquelle beijo resumiu tudo o que vive e se agita em teu intimo no pensamento de nosso futuro. Foi o primeiro élo da extensa cadeia que nos ha de prender, entre os mais ditosos sonhos, á lucida paragem de nossa visão.

Aquelle beijo foi o primeiro arrebatamento de teu coração na idéa do abandono de todo o teu sêr. Fizeste bem, não falando. Que palavras ha que possam reproduzir a magia daquelle movimento de tua alma? «O que ha de mais divino no coração, dizia Lamartine, nunca de lá sae».

Se um dia fosse possivel que a fatalidade de nossos destinos viesse interpor-se a nossa ventura e que a desillusão tremenda surgisse para tua alma, a reminiscencia daquelle primeiro beijo havia de pairar sobre o teu espirito largo tempo antes de tua resolução final, como a visão amiga de um primeiro sonho de amor.

«Eu ouço ainda, dizia Raphael, ao lembrar-se da doce amada, e ha vinte annos passados, o ruido das folhas seccas que gemiam sob nossos passos; ainda vejo as nossas duas sombras confundidas numa só; sinto ainda o suave calor de seu hombro sobre o meu coração e o bater de uma trança do seu cabello contra o meu rosto, a qual meus labios tentava reter para a beijar» Em vão tudo o que lembre teu nome se esforçará para fugir de meus olhos, porquanto a recordação daquelle carinhoso, meigo e divinamente amoravel movimento de tua alma ha de permanecer para sempre inalteravel nas cellulas de meu cerebro como no instante em que tu o produziste.

Algum resto de coração que ainda estava commigo tu roubaste com aquelle divino afago.

SYLVIO

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

Faz annos hoje a gentil senhorita Annita Franco, dilecta filha do coronel José Casimiro da Silva Franco, residente em Cascadura.

No dia 22 do mez passado contou mais um anno de existencia o sr. Antonio Benevenuto Bayão, irmão da nossa distincta leitora Olivinha L. Bayão, residentes em Jequery.

Completa mais uma primavera no dia 9 do corrente a senhorita Abigail Bastos, gentil filha da exma. viuva Bastos.

No dia 21 do mez findo, a distincta Mlle. Thereza Pereira Siqueira completou mais um anniversario natalicio, razão por que foi muito cumprimentada.

Mlle. Alice de Silva Pereira, filha de d. Eulalia Ludonnia Pereira, completará mais um anniversario no dia 9 deste mez.

Os jovens José e Orlando Fiuza Junior fizeram annos no mez proximo findo, o primelro em 17 e em 23 o segundo.

O Sr. Octavio de Carvalho Pereira Cardoso teve a felicidade de ver completar o sen primeiro natal, em 27 do mez findo, a sua interessante filhlnha Dinah.

CASAMENTOS

Realisou-se no dia 22 ultimo o casamento do Snr. Carlos Durrua, negociante nesta praça, com a senhorita Simé Bou Daiah.

Senhoritas Maria Emilia Lamego Machado e Nicota Simões, fantasiadas de ciganas — Nictheroy.

Gioconda e Amelia, filhas do Sr. Octaviano Provenzano

No dia 25 do mez findo realisou-se o enlace matrimonial do Dr. Allu Marques Vianna com o gentil senhorita Eugenia Doria filha do Sr. José Doria e sua digna esposa d. Josephina de Aguiar Doria.

Realisou-se no dia 25 do mez findo o enlace matrimonial do Sr. Dr. Germano Azambuja com Mlle Lucilia de Carvalho, filha do Sr. coronel Francisco de Assis Carvalho.

Com Mlle Alice de Bragança Pereira contractou casamento o Sr. João Fernandes de Araujo, negociante nesta praça.

Contractou casamento com a graciosa senhorita Odette, gentilissima filha da Exma. viuva Silva Junior, de Paquetá, o Sr. Rodrigues Quintana, distincto guarda-livros da Companhia Commercio e Navegação.

NASCIMENTOS

O lar venturoso do sr. Manoel Jorge de Almeida e sua esposa D. Georgina Jorge da Almeida, foi enrequicido com o nascimento de uma galante menina que na pia baptismal receberá o nome de Maria Carolina.

Acha-se em festa o lar do sr. Bernardino Teixeira Felix da Silva e de d. Laura Ferreira da Silva, por motivo do nascimento do galante Aramis.

Sta. Aurelia Portas, cujo anniversario passou a 10 de Março, noiva do Sr. Salvador Soliva.

A FREIRA

Para M. M.

Joven ainda !...

Mal despertara dos sonhos infantis, eil-a no claustro !...

Punge-me a alma : o coração constrange-me ao recordar dessa virgem que se desprendeu da casa paterna para entregar-se á vida sedentaria de uma cella onde não penetra luz nem ar !

Trocou o lar querido onde lhe eram proporcionados todos os carinhos, onde os paes a extremeciam e os irmãos a adoravam pelo convento austero, solitario, em que tudo é mysterioso e lugubre.

Pobre creança !

Inexperiente, deixou-se levar pelo fanatismo e em breve professara !...

Acompanhei-a sempre. Sei que jamais amára, seu coração é puro, e sua alma angelica como a dos brancos lyrios !

Era de uma singeleza encantadora !

Toda de branco, esguia e franzina, iá ia todos os dias á missa.

Em casa, quantas vezes a surprehendi orando junto ao leito !

Lembra-me com saudades daquelle conjuncto de meiguices, daquelle moço terno, daquella falinha branda, timida, receiosa de peccar e de offender a Deus.

Lembra-me de seu rostinho moreno pallido, velado por uns olhos negros em que se espelhava aquella alma candida e immaculada circumdavam a cabecinha bem feita longos cabellos bastos, pretos e annellados.

Outr'ora, quando creança viva, esperta, dedilhando o piano, era o encanto do lar.

Tal metamorphose nunca vi se operar assim !

Hoje, em plena juventude, na idade em que nossos sonhos são sempre roseos, que nossos corações, cheios de esperanças, pulsam com fervor e os nossos cerebros povoam-se de illusões, eis que a virgem triste vae ser freira !

Seguiu para S. Paulo.

Em breve, mudará as vestes alvas, puras e diaphanas pelo habito escuro e pesado de monja !...

Na cella obscura, viverá occulta, qual violeta aos raios do sol.

Lastimo e choro a perda desse anjo a quem a vocação, ligada á catechese, conseguira triumphar do receio de ser monja !

Pobre creança !

CAMELIA RUBRA.

Sta. Vicentina

Um auctor dramatico a um amigo :

— Tenho as minhas duvidas se hei de chamar ao meu trabalho comedia ou drama.

— Como acaba ?

— Com um casamento.

— Então chame-lhe tragedia.

NOTAS THEATRAES

THEATRO DA NATUREZA No dia 6, recomeçarão definitivamente os espectaculos do theatro da Natureza.

Será representada pela primeira vez a celebre trajedia grega de Sophocles, o "Rei Œdipo", adaptada á scena moderna pelo dr. Coelho de Carvalho.

✝ ✝ ✝

TRIANON — **Maria Falcão**. Estreou, neste theatro, sob os melhores auspicios, no dia 25, a companhia organisada pela distincta actriz Maria Falcão, com a cemedia de Henri Bernstein, *O Segredo*.

A distincta e graciosa actriz Maria Falcão

O numeroso e selecto auditorio que compareceu á *première*, retirou-se satisfeito com o desempenho da vigorosa peça, que se manterá ainda no cartaz por alguns dias.

O PRIMEIRO AMOR

CONHECI-O no Club dos Diarios num grande baile, era um rapaz insinuante, bastante sympathico, fronte alta intelligente, impeccavel no vestir. Foi no meio daquelle borborinho, naquella atmosphera inebriante e perfumada, ao farfalhar das sêdas, ao brilho diamantino das gemmas custosas, realçadas pelas fulgurações das lampadas, que eu o vi pela primeira vez.

Notei-o pela insistencia com que me olhava. Foi meu par numa valsa, unica de que guardo a maior recordação. Enlaçados iamos os dois na cadencia vaporosa da musica, deslisando celeres pelo immenso salão, senti que suas mãos que mal me tocaram tremiam muito, sempre com os olhos cravados em mim, assim se conservou até terminar a contradança.

Senti deante daquelle olhar, uma certa alegria, uma sensação de bem estar, até então desconhecido para mim Finda a valsa, dei pelo seu braço duas ou tres voltas pelo salão, ouvi de seus labios tremulos, meia duzia de palavras de admiração por mim e nada mais.

Não dansou mais nem me perdeu de vista um só momento. O vi sempre absorto, estranho aos esplendores que o cercavam, acompanhando todos os meus movimentos; e eu, não sei porque magia, porque estranha suggestão, me vi presa áquelle olhar que me attrahia e dominava como um pólo magnetico. Queria assumir o meu dominio, não podia, procurava evitar que o meu olhar se encontrasse com os delle, baldado esforço. Senti em mim qualquer cousa de indefinivel, mas que me alegrava o coração; cousa estranha era a primeira vez que eu sentia semelhante commoção.

Frequentava os salões, vivia num meio social, onde nunca me faltaram homenagens e dithyrambos, sempre fui alegre e expansiva para com todos, ninguem me fizera ainda pulsar o coração ninguem conseguira ainda me impressionar o mais levemente possivel, no emtanto ao descer a escadaria de marmore, em regresso á minha casa, vinha absorta e apprehensiva; porque?

Desde esse dia que eu senti despertar em mim um sentimento novo, que eu não podia denominar, por não conhecel-o. Seria amor? Então o amor nasce assim em tão pouco tempo, de um olhar apenas, de uma fagulha, de um quasi nada e porque não o sentira ainda? Não podia ser amor; eu sempre ouvi dizer que o amor era a suprema alegria da alma, no emtanto estava triste.

Procurei distrahir-me, banir do meu espirito aquella imagem que me perseguia até nos sonhos, impossivel, via-a sempre melancholica e triste, insistentemente a olhar para mim.

Para a mulher, é sempre agradavel ouvir dizer que é bella, formosa, adoravel, etc., que lhes murmurem nos ouvidos mimosos madrigaes em prosa ou verso, ella alegra-se sempre com esses torneios floraes de seus adoradores. São banalidades communs que geralmente agradam, mas quanto a mim, sempre me deixaram indifferente; no emtanto, aquelle moço, que eu vi uma unica vez, que não me disse um só galanteio, apossava-se de meu ser, a ponto de não poder afastal-o de minha imaginação.

Da janella do meu aposento eu vejo o mar, quantas vezes meu espirito fantasista, librou-se pelo nada do azul em sonhos ideaes horas esquecidas! Nunca, como então, reparei na immensa poesia que elle encerra, sempre esmeraldino, suavemente ondulado pelo sopro tenue da brisa mórna e perfumada, nunca como então prestei tanta attenção ás silhuetas das montanhas que cercam a nossa formosa bahia, illuminadas pelos ultimos raios do sol poente, nunca como então, meus olhos se extasiaram tanto com as flores de meu jardim, brancas, carminias avelludadas, corolas abertas ao pollen do amor, nunca vi tanta alegria na natureza, só minh'alma estava triste, tão triste...

*

Nos salões de Mme. A. se reunia mensalmente o que havia de mais distincto na nossa sociedade; meus paes não faltavam nunca, eram figuras obrigadas ás reuniões e eu os acompanhava sempre. Quinze dias depois do baile do Club dos Diarios, eu lá fui, e digo com franqueza, mais por dever do que por gosto, eu estava com uma tensão de espirito inconcebivel, vivia sonhando, era uma dormente acordada.

Ao transpor o salão de recepção de Mme. A., a primeira pessoa que avistei sentada num *fauteuil*, devorando-me com os olhos, foi elle, o meu ideal, a minha esphinge mysteriosa.

Não sei porque minh'alma estremeceu e o coração pulava tão desordenadamente, senti uma onda de sangue affluir-me ás faces, algo de felicidade invadira todo o meu ser; ao encaral-o, nem ao menos tive forças para dissimular a minha perturbação e contentamento. Mandei-lhe um sorriso; igual, nunca déra a ninguem e nelle todo o poema de meu coração.

Fui comprehendida, elle m'o disse depois. Naquelle salão alcatifado, sem a severidade da etiqueta, sem olhares maldisentes, elle teve um colloquio commigo, que durou mais de hora. Confessou-me a impressão que eu lhe causara, o sentimento de admiração e deslumbramento que se achava possuido depois que me vira, pediu-me que não tomasse essa confissão como mero galanteio.

Sentia-se diante de mim acanhado e perturbado, não podia comprehender esse sentimento novo que despontava no horisonte de sua vida; tinha-me procurado por toda a parte, até áquella casa onde sabia me encontrar. Tudo isso foi dito num mixto de receio e de ternura respeitosa. Nem uma só vez me falou em amor.

— Foi galante e sincero, durante o tempo de nosso colloquio. Apanhou de uma *corbeille* proxima uma rosa branca e com um gesto fino e delicado, beijou-a. Pediu licença e m'a offereceu. Guardo ainda essa reliquia.

Foi a segunda e ultima vez que o vi. Meu irmão, ao chegarmos em casa, disse-me rindo: eu vi o teu *flirt* com o Dr. Armando, observei a impressão que elle te causou.

Mlle. Branca Alves, Ceará — Fortaleza

A graciosa senhorita Julinha Moraes, filha do Coronel Francisco Moraes, presidente da Camara Municipal de Carangola.

Tu o conheces? perguntei soffrega.

Sim, respondeu meu irmão, é medico foi meu collega de formatura. Moço muito intelligente e distincto, fez um curso brilhantissimo, teria um grande futuro, si uma molestia pertinaz e fatal não lhe minasse a existencia. Elle tem plena certeza de que seus dias estão contados.

Comprehendi tudo, aquella tristeza, aquelle olhar repassado de dolorosa ternura, eram os ultimos fulgores daquella alma amoravel.

Nunca mais o vi, tambem, nunca mais o esqueci.

Um mez depois da reunião em casa de Mme. A., vi meu irmão entrar no meu quarto, cabisbaixo e triste, sentar-se numa poltrona e olhar-me demoradamente. Chamou-me para junto de si, tomou-me as mãos e disse-me:

— Minha irmã, ha muito que te observo attentamente, andas triste e pesarosa, tu choras, pois eu vejo signaes de lagrimas em teus olhos; sei a razão de teu soffrimento e isto muito me affige, pois tu bem sabes quanto eu te quero e estimo. Si estivesse em mim suavisar tuas maguas, o que não faria para te poupar um desgosto, mas infelizmente o mal é sem remedio. Não te queria dizer, mas é forçoso que o faça diante destas lagrimas que eu vejo borbulhar em teus olhos:

— O Dr. Armando acaba de fallecer, assisti aos seus ultimos momentos, a sua morte foi quasi subita, como era de esperar. Antes de espirar, tomou-me as mãos, olhou-me fixamente e murmurou quasi indistinctamente estas palavras: *Rosa branca, saudades!*

As ultimas palavras de meu irmão, eu quasi não as pude ouvir, em pé, nervosa, com o corpo todo a tremer, queria chorar, gritar, não podia, um soluço de agonia me embargara a voz, senti que a razão me fugia e o corpo baqueava.

Só voltei a mim muito tarde, e assim mesmo á força das caricias de minha mãe.

Vi passar o enterro pela minha porta. Sobre o caixão uma grinalda de rosas brancas, delicada lembrança de meu irmão.

Eu alli fiquei por muito tempo, sem ver nada com a alma em trevas e o coração em lagrimas. Só então comprehendi toda a grandeza, toda a sublimidade do primeiro amor!

E assim foi desfeito aquelle sonho que deveria ser de rosas e ouro, que se evaporou como a gotta de orvalho aos primeiros raios do sol.

PALMYRA DE ALMEIDA.

A boa mãe de familia

Se todas as senhoras casadas comprehendessem bem o papel que representam na sociedade, como mães de familia, e cumprissem com exactidão os seus deveres, menos povoadas seriam as prisões, menos frequentados os lupanares e mais moralisada a sociedade; poucas se compenetram de suas obrigações e todas julgam cumpril-as bem.

O mais importante de todos os deveres de uma mãe é o da educação de seus filhos: — e quantas se descuidam completamente desta obrigação!

Não é bastante que a mulher seja economica, que traga bem regulada a sua casa, cuide de seu esposo, trate de seus filhos, trazendo-os bem asseiados e em boas condições hygienicas; não basta ainda que ella seja activa e laboriosa: tudo isto é optimo, é excellente, mas não é sufficiente: é ainda necessario e indispensavel que seja solicita na educação de seus filhos.

O epitheto de malcreados que tantas vezes levam muitos meninos, e mesmo depois de homens, não é tão injurioso para elles, como para quem os creou.

Algumas mães peccam por ser rigorosas e severas de mais, outras por serem condescendentes em demasia.

Não se devem fazer todas as vontades aos meninos: mas tambem não se deve negar tudo.

As mães rigorosas e severas fazem os filhos temidos e acanhados, iracundos ou sombrios; as fracas e relaxadas fazem-nos atrevidos, ousados, insubordinados e manhosos.

E' máo costume tambem o daquellas que, sem serem mui severas nem mui laxas vivem numa constante cantilena de ameaças, de gritos e de arrancos com seus filhos; porque estes, acostumados sempre á mesma «ladainha» de todo o dia, perdem a vergonha, e já não levam mais em conta o que se lhe diz.

O que se puder conceder aos filhinhos em suas exigencias, sem prejuizo de sua saude, e sem outro inconveniente que prejudique a sua innocencia, conceda-se; mas sem gritos e sem barulho.

O que não se puder, negue-se, porém com firmeza á intransigencia.

Um cuidado dilligente na conservação da innocencia de seus filhos, aturado esmero em torcer-lhe as más inclinações, solicitas dilligencias em tornar-lhe os corações de sentimentos piedosos, puros e nobres; o maximo cuidado de afastal-os das más companhias — eis o segredo da educação da infancia e o primeiro e mais importante dos deveres de uma boa mãe de familia.

ANTONIETTA BARROSO MARINI.

Rio—7—2—916.

A distincta professora, Senhorita Sylvia Ferreira, recentemente diplomada pelo Gymnasio de Musica, após um curso brilhantissimo, filha do Sr. Ramdolpho Ferreira e residente nesta Capital.

MODAS E MODOS

A CONQUISTA INGLEZA

Uma conquista conseguiram os inglezes... Isto é, não foram propriamente os inglezes mas os officiaes do exercito britannico os verdadeiros heroes dessa façanha. Os simples soldados do rei Jorge pouca ou nenhuma participação têm na proeza. Essa gloria pertence aos officiaes. Já viram, por acaso, um official inglez?

Apresso-me a explicar que a conquista, a brilhante conquista mencionada, não se refere a triumphos territoriaes, nem á rendição de fortes, nem ao desbarato dos exercitos inimigos. Diariamente relata o communicado inglez as tremendas acções campaes que, numa frente de 50 kilometros, livram as tropas aguerridas de sua majestade britannica. Um pedaço de trincheira, um fundo de 30 metros, dois lança-bombas, 15 prisioneiros; victorias deste earacter são annotadas com frequencia pelos communicados inglezes.

Trata-se agora dos officiaes louros, altos, briosos e elegantes que pisaram o solo de França e que, logo ao chegar, triumpharam das mulheres francezas. Triumphar sobre o coração feminino, seja da mulher franceza ou de qualquer outro paiz, nunca foi para guerreiros empresa difficultosa. Mas aqui o triumpho foi mais consideravel, e é certo que a mulher franceza, palpitante de admiração, imitou logo dos officiaes inglezes a forma do vestuario e a maneira de caminhar... Até hoje eram conhecidas varias classes de imitações; o maravilhoso em tudo isto é ver as mulheres copiar o corte do traje masculino.

Já conheciamos o «costume-tailleur», o uso de punhos, collarinhos, gravatas, chapéos masculinos. Mas isto era uma imitação anonyma; imitava-se o homem em geral. Agora, imita-se um homem: o inglez, ou melhor, o official inglez.

Toilette para passeio

Usam-se, pois, jaquetas talhadas com abas soltas e amplas sobre os quadris, e para melhor imitar o passo masculino encurtam-se um tanto essas abas.

Mas os inglezes são bipedes que accrescentam ás suas duas pernas carnaes uma terceira perna de páo: o bastão. Não se concebe um «gentleman» inglez sem esse additamento. O inglez brande o seu bastão como um emblema nacional; assim é que vemos pelo mundo, dando energicas e rythmicas passadas, com o concurso do competente bastão, verdadeiro baculo de peregrino, o incansavel peregrino que todas as estradas do mundo conhecem.

Por conseguinte, um inglez, mesmo que se farde de militar, não renuncia ao uso do bastão. Usam-no os sargentos e até os simples soldados. O cachimbo no canto da bocca e o bastão na mão, estão ahi os guerreiros do rei Jorge. Os officiaes, naturalmente, brandem o bastão como ninguem. Costuma ser um bastão leve, de castão redondo, quasi sempre de junco da India.

Pois bem, as mulheres francezas deixaram de usar a moda da bengala ingleza. Não quero dizer a classe de mulheres que a usam, até agora, mas o que é fóra de duvida é que, pelos boulevards, passam lindas figuras femininas, cuja silhueta relembra os formosos officiaes inglezes e que se apoiam—não é preciso dizer com que graça — sobre a flexivel canna da India.

Já viram, algum dia, um official inglez?... Não se lhe pode comparar: por isso, não são de estranhar os seus triumphos e as suas conquistas. Estou a ver o empacotado e rubicundo official prussiano, com o seu monoculo, rijo e teso; tambem me lembro haver visto em Vienna um grupo de jovens officiaes austriacos, verdadeiramente elegantes, senhoris; conheço officiaes de varios paizes latinos.

Toilette para casa

Nenhum destes, em geral, se póde comparar com os inglezes.

O official inglez revela immediatamente a sua origem: é um fidalgo, é o amo é o ricaço. Na Inglaterra não se comprehende esses rapazes que, deante da necessidade de arranjar emprego seguro, se voltam para as academias militares. O official inglez tem de ser de sangue nobre, de estirpe aristocratica e de familia abastada. O seu soldo, aliás consideravel, elle o gasta exclusivamente em despesas meudas, no club. Em geral possue terras, em algum condado, e valores solidos. Como não haveria de triumphar no coração das mulheres francezas?

Com o seu aspecto senhorial, suas maneiras de «gentleman», o official inglez devia ditar lei em França. Os officiaes belgas procuram imital-os. (Entendamo-nos: uma imitação de porte pessoal. Com effeito, os officiaes belgas arranjaram um uniforme de campanha que muito se parece com o de seus alliados de além-Mancha. Os belgas tambem são louros: a sua imitação do porte inglez tem bastante exito.

Tambem os officiaes francezes procuram imitar os inglezes...

Indicado, pois, esse triumpho alcançado pelos officiaes britannicos, não se poderá dizer, sem offensa para a justiça, que a guerra tenha sido vã para a poderosa Allemanha. A fama corre veloz; as revistas de modas vão ter aos recantos do mundo. Quando em Milão, no Rio de Janeiro, em Buenos Aires, em Barcelona, lindas figuras femininas manejarem com graça picante uma leve bengala, algo estará gritando aos povos que a supremacia da Inglaterra continúa a ser uma realidade.

(Transc.) JOSÉ M. SALAVERRA.

Quando os olhos da creatura que tu amas se abaixam, a sombra envolve-te como o mar envolve uma ilha; quando elles se levantam, é o incendio do verão que abraza o mundo.

Tres elegantes toilettes para noite, confeccionadas em *charmeuse*, taffetá ou gabardine com enfeites de soutaches de sêda.

Costumes tailleur em sarja, sarjinha, linho, ottoman ou cachemire ingleza.

Moda parisiense

As parisienses ainda adoptam saias largas e curtas. Essa moda nova de tal maneira agrada as mulheres que se fala em usar, na primavera, saias extremamente amplas, que ainda mais largas se tornarão mediante babados e « ruches ».

Pouco faltará para que vejamos reapparecer as saias contornadas de madeira e de ferro e as semi-crinolinas.

A amplitude das saias trouxe o reinado da saia inferior. Mas essa saia é um elemento da toilette em plena evolução. Não se assemelha absolutamente ao que sustentava as saias largas de ha dez ou sete annos.

E' ainda timido e discreto. Julga que, para se fazer acceitar pelas mulheres que delle se libertaram graças aos vestidos estreitos, seria imprudente ornar-se de babados sobrepostos, de « ruches », de rendas e de seda, e extremamente leve.

O pequeno calção estreito acabou tambem. E sem voltar á calça-saia, os calções das senhoras teem babados pregueados de linon ou rendas e fitas distinctas.

O espartilho não mudou de fórma. A despeito das sais de fórma «sino» as mulheres graças ao espartilho, mantiveram a linha.

Não apertam demasiado a cintura e não se adornam ainda de falsos quadris. A hygiene e a arte não teriam por conseguinte razão de se queixar.

As meias de seda estão na ordem do dia, desde que em pleno inverno; os sapatos se tornaram de rigor.

Durante os calores estivaes, as elegantes aprisionam os pés e as pernas em robustas polainas. Escolheram o frio para usar meias abertas. A meia desempenha um papel na moda da estação. Ella se harmonisa com o tom dos calçados de multiplos matizes.

As meias cinzentas, muito escuras e muito finas ou azul marinho são, comtudo, as mais elegantes.

As meias de tonalidades violeta, verdes, roxas, vermelhas, que se usavam antes da guerra, não estão, absolutamente, na nota adoptada.

Os chapéos mantêm, immutavelmente, as suas proporções extremas; são muito grandes ou muito pequenos; mas os pequenos teem apparentemente, a vantagem que a simplicidade lhes confere; modestos, discretos, sem « aigrettes » sumptuosas e plumas triumphantes, recordam que a época não se coaduna com vistosos luxos.

Conselhos duma senhora ás senhoras

VESTIR-SE BEM

Um jornal de modas do anno de 1860 dava ás suas leitoras os seguintes conselhos:

« A escolha das cores é importante para as senhoras que querem vestir-se bem.

Para as morenas: o vermelho, o azul escuro, o amarello, o branco.

Para as louras: o azul, o verde, o lilaz e o rosa.

Uma senhora alta deve usar desenhos de flores, de ervilhas, de quadrados, de tecidos escossezes, que não as fazem mais altas.

Uma senhora baixa deve usar vestidos de riscas, que a tornam apparentemente mais alta.

Uma senhora magra deve vestir-se de branco, ao passo que uma gorda deve vestir-se de preto.

A amplidão da saia de um vestido é sempre uma qualidade; esconde ao mesmo tempo a excessiva gordura ou a excessiva magreza.

As « echarpes » ficam bem ás senhoras baixas.

A cachemira exige, para ser usada elegantemente, uma senhora alta e distincta.»

O jornal de onde extrahi estes conselhos accrescenta:

« — Se com estas indicações uma senhora se veste mal é porque á muito obstinada.»

DULCE.

A MODA INFANTIL — Vestidinhos graciosos para meninas

VIDA DE ROSAS

Para ser agradavel e sympathica, boa e piedosa, a mulher se dedica ao « secrét atractif », inigmatico iman que encanta e que faz prender corações.

Esse segredo miraculoso de transformar o feio em bello, de occultar defeitos physionomicos e de multiplicar admiradores, por um sorriso encantador, ás vezes, e outras por um olhar faceiro e meigo, quasi todas as mulheres o têm.

Ha mulheres feias, que se fazem sympathicas; ha semblantes desagradaveis, que apparentam affabilidade; ha olhares tristes, que se manifestam alegres; ha olhares severos, que parecem meigos; ha sorrisos malevolos, que são bondosos; ha sorrisos amenos, que são impiedosos; e ha mulheres fascinantes, arrebatadoras, que se sabem conter, e ha outras que nos attrahem e nos seduzem como a luz ás mariposas.

Ha mulheres que utilisam essa potencia de attracção para serem piedosas e boas, e então illuminam com a sua divinal bondade a vereda tetrica e precipitosa por onde nos encaminhamos desnorteados, já inebriados pelas fascinações do amor, apaixonados, submissos aos desvarios do coração, impulsionados pelas caricias tentadoras de Cupido.

E ellas, essas piedosas e boas mulheres, nobremente salvam essas almas erradias pela desorientação do amor, impedindo-n'as de engolfarem-se na voragem da deshonra e do horror, com conselhos e acções elevadas, sacrificando mesmo as suas excitações.

Ah! quantas, quantas boas e piedosas mulheres, almas angelicas e simples, revelam-nos a via lactea suave da honra e do dever, doce estrada da virtude, espargindo em nossa alma doentia o balsamo da reflexão, restituindo a bemaventurança aos nossos corações!

A galante Iluah Santiago, nossa gentil leitora.

Nossa gentil leitora Sarah Serrão, filha do Snr. Major João de Deus Coêlho Serrão

No emtanto, outras existem, sympathicas, agradáveis ou lindas, embora pelo effeito genial do « secret attraticf », cujos corações pusilanimes, e enlaçados nas teias do amor, debilitados para supprimir o mal que os ameaça, arrastam-n'os aos abysmos dos crimes e dos peccados.

Mas, coitadas! Essas são dignas de piedade e de perdão!... Ellas souberam amar!... E pelo amor que acalenta, que avigora e enleva corações não se deve recriminar ninguem!

Ellas espesinharam a virtude — flor de cêra que se desfaz ao doce carinho do amor — que é a auréola da honra, extinguiram as manifestações da consciencia e enterneceram os corações aos madrigaes do amor, para serem amadas e para serem amantes, extasiaram-se ante a força impulsora do destino, mas por isso não devem ser estigmatizadas!... Peccar por amor é consagrar o coração...

E. P.

FELICITANTE

A' Alice Tupinambá

Eu amo as flôres e os passaros... e as estrellas e o mar!...

Para minh'alma tão moça e tão desilludida, para minh'alma morta de esperanças, triste como a mais triste cousa desta vida, as flôres, as aves, os astros e tudo o que de bom existe, é um bem que se apresenta, um mal que se retalha...

E quem não ama as flôres e os passaros, na polychromia de suas petalas multicôres e na bizarria interessante de seus cantos maviosos?!...

Quem não almeja o ideal que eu sonho, quando se tem um coração tão moço, a transbordar de vida e a se apagar de anceios?!...

Ninguem, nem tu, meu coração bondoso!...

A's vezes, olhando o mar que chora, á beira do areal das praias, desenho na renda branca das espumas, qualquer cousa do ideal que eu quero!...

As gaivotas pardas, em sinuosidades lentas volteando os ares, tem nas suas quedas bruscas sobre a flôr das aguas, esmeralda liquida, seus fins, um quê de original que eu idealiso n'alma.

As flôres, sim, as flôres, nas suas multiplas constellações de côres, irisadas, diademam na confusão dos coloridos frescos, a tua fronte, sincera amiga, querida e bôa.

Querer é amar... e amar... amar é uma loucura..., e eu vivo acrysolada á corrente das minhas amarguras; eu, que busco disfarçar os meus martyrios e os meus tormentos, não posso amar... que o amor é uma utopia!...

Meu pobre coração, triste, vegeta, enraizando-se no "bouquet" das flôres que eu adoro; no passaredo alegre e no murmurar das vagas, gemidos do mar, surdos como o Amor, fortes como a Vontade!...

Eu deliro, com certeza, pois atravez das pupillas de meus olhos, colorindo os sonhos em matizes roseos, vejo o teu rosto, seductor e amigo, alçando-se nas azas da Ventura!...

MAGNOLIA TRISTE.

Alexandre e o pirata

Levaram á presença de Alexandre um pirata que tinham prendido mas que, no meio dos ferros, e á vista dos supplicios, conservava sempre esta firmeza d'alma que distingue os corações intrepidos:

— «Com que direito, perguntou-lhe o monarcha, te atreves a infestar os mares?

— E tu, respondeu o captivo, com que direito assolas o universo? Porque como os mares com um só barquinho, tratam-me de pirata, e tu que fazes a mesma cousa com uma esquadra numerosa, chamam-te rei».

Esta resposta ousada e cheia de heroismo, valeu a vida ao prisioneiro; Alexandre libertou-o immediatamente.

MOACYR

Os nossos constantes leitores, sub-officiaes embarcados no contra-torpedeiro *Parahyba*. — Sentados, da direita para esquerda: Carlos de Oliveira e Silva, Chandonor Francisco das Chagas e Luiz Felippe da Hora. — Em pé, da esquerda para a direita: Antonio Joaquim Seabra, Alvaro Luiz Fernandes e João de Deus da Rocha Ferreira.

Uma aventura engraçada

Levantando-me pela manhã de um dia cálido, tive a surpreza de encontrar em cima de minha secretária, ao lado do telephone, um telegramma que me chamava á Havana, linda capital de Cuba situada, ás costas do Atlantico, quando me achava então em New-York, gozando as ferias que me eram devidas, depois de um anno de trabalhos e fadigas. Como já fossem 9 horas da manhã, depois de tomar o meu costumeiro banho de ducha e saboreado uma chicara de café brazileiro (raridade por estas paragens), sahi do Hotel pela porta á esquerda, dirigindo-me então para o SUBWAY (caminho de trens subterraneos).

Foi ahi que encontrei a mulher que fez pela vez primeira em minha vida, cheia de occupacões diversas, estremecer meu coração, ameaçado de se abalar por esta formoza e joven yankee. Fiquei triste, pensando ora na minha partida, ás 2 horas da tarde, ora na deusa que tinha ao lado. Os leitores não me hão de achar presumpçoso, se eu disser que a americana sympathisou tambem commigo e que em pouco tempo, por um qualquer futil motivo, entabolámos conversação.

Mal acabáramos de fallar sobre a extranha coincidencia que nos havia impellido um para o outro, quando o conductor, na sua voz enfadonha, gritou:

— Rua 42, Square.

Ao ouvir isso, parece que a gentil yankee cahiu em si, pois levantou-se, rogando-me que a acompanhasse, o que fiz com grande gaudio meu. Depois de termos caminhado uns quinze minutos, encontramo-nos em uma bella casa que dá para a 5ª Avenida e Rua 46. O 1.º andar d'essa casa é occupado pela primeira florista da 5.ª Avenida e o segundo pelo melhor professor de dansa da mesma avenida. Tomámos logar no elevador e sahimos no segundo andar, depois d'ella ter comprado umas flores e eu pago. Achamo-nos, então, no mais luxuoso salão de dansa que se pode imaginar. Fomos depois ao escriptorio do professor, que me dirigiu a palavra nesses termos: "Vem Vª Exma aqui para ver os nossos salões, não é isso?..." Fiquei, confesso, a principio um pouco atrapalhado ante essa inesperada pergunta, mas, depois de uma breve pausa, comprehendi que eu não era mais que um tôlo, attrahido alli pela esfusiante graça de uma mulher bonita, que se servia de sua belleza como uma "annunciante", isto é, para attrahir freguezes áquella casa.

Pensando assim, e já senhor da situação, respondi ao mestre de dansa: "Sim, o senhor deve pensar certamente que eu só vim aqui para ver os seus salões e, assim sendo, rogo-lhe dar-me uns de seus booklets (pequenos livros catalogos) e mostrar-me os salões. Só então, comprehendeu o homem que estava lidando com uma pessôa esperta, e apressou-se em satisfazer-me o pedido.

Grupo de gentis leitores do *Jornal das Moças*, tirado na residencia do Snr. Onofre do Nascimento, em Villa-Izabel, por occasião do baptisado da sua innocente filhinha.

Nossa sympathica leitora Senhorita Onelia Pinto Monteiro — Itabaiana-E. de Sergipe

Depois de termos passado por todos os salões e salas, disse lhe: Naturalmente o senhor deve vangloriar-se de possuir a melhor escola de dansa desta grande cidade. Queira ter á bondade de reservar para minha irmã esta sala ao lado e, se possivel fôr, esta senhora (e apontei-lhe para a moça que nos escutava ao lado) para sua professora.

Tirei o meu cartão e entreguei-lh'o, perguntando: Quer algum dinheiro adeantado?

A isso respondeu-me elle negativamente.

Despedi-me do pobre sujeito que fôra logrado tambem e immediatamente dirigi-me á companhia, afim de comprar passagem com destino a Cuba.

***

Hoje me recordo dessa manhã atrapalhada em que o mais esperto venceu. Relembro, então, com certa tristeza e magua, essa mulher tão linda, que apezar de tudo, não é mais. . . do que um pobre modelo da 5ª AVENIDA.

Cuba, Novembro de 1915.

ADAMASTOR CRUZ

Enviado de Cuba expressamente para esta revista.

SAUDADES

Neste momento em que um segundo carnaval deve estar fazendo vibrar toda a cidade num enthusiasmo quasi proximo da loucura; em que, certamente, o tilintar dos guizos soando nos ares de envolta ás ondas de perfumes e aos meneios sensuaes das bellas peccadoras excita ao prazer o mais sceptico dos mortaes; em que a licenciosidade infrene encurta distancias, eguala as castas, dá livre curso ao galanteio e crêa rigorosas opportunidades — eu, só, da solidão que tanto me apraz, sinto e cultivo com amor a volupia de uma saudade que eu não quero afogar nos alvoroçantes prazeres do carnaval.

E' a saudade de uns olhos que me fazem soffrer e me fazem bem, de um sorriso que me agrilhôa e me enlouquece...

E o meu espirito, nas altenativas de uma cruciante saudade e da lembrança do gozo desenvolto da festa pagã, sente que a saudade o domina, attrahindo-o á dôce solidão no momento em que milhares de corações, talvez tambem feridos, procuram a ruidosa alegria das ruas e o prazer luxurioso dos salões.

E' que o meu pobre coração já não se illude, infelizmente, com os gozos fugaces e só aspira o bem que lhe póde dar a creatura que o tortura com sorrisos e olhares que parecem só prometter...

Quizera poder lêr nos olhos dessa creatura o segredo da sua seducção e na bocca a magia do seu sorriso, e, em seguida, festejar numa revoada cariciosa de beijos que impedissem olhares e sorrisos, o meu louco triumpho!

Insensata ambição, porém, que posso alcançar do inattingivel? Cruciantes sejam, embora, as minhas saudades e martyrisante o meu pensar. Caladas devem ser as minhas ambições e os meus loucos desejos enclausurados nos limites de uma eterna esperança...

Rio, 19—3—916.

CLAUDIO

O engraçadinho *Zezé* — filhinho do Snr. José Pedro de Lima — Jequery

Tinta de escrever

Ao distincto advogado Dr. VIANNA DE SOUZA.

Oh! negro elixir, tu que brilhas sobre a mesa do escriptor, como a lua sobre a terra; tu, mais bella que as nascentes de prata, e tão tenebrosa quanto a noite escura, attráes os bicos das pennas inlelligentes.

E's sombra impenetravel para os tolos. Manchas os dedos da mão indigna que comtigo se mette e a fazes sahir ridicularisada para sempre. Os grandes segredos que existem nas tuas profundezas, jamais se hão de esgotar. Quem, curvo sobre ti, te admira, guardará um encanto que jamais se desprenderá da vida.

O escriptor intelligente faz surgir dos abysmos do tinteiro, não só bellas theorias, como bellezas scintilllantes que não podemos imaginar.

Oh! magica tinta, sejas bemdicta sobre este planeta, onde só agora começamos a despertar. Maldicção sobre aquelles que te escondem na cannula de um styllographo e nunca se apercebem da tua presença. Precisas de um logar de honra reservado sobre a mesa do escriptor. E's digna de só seres servida com pennas de cysne e albatroz. Amp as tuas revoltas e os teus meneios.

A penna traça sobre o campo da minha pagina sua senda de glorias, acompanhada da minha momentanea alegria.

A galante Glorinha Pacheco

Os alchimistas que decompõem o arco-iris e sabem o que é a nuvem e o raio nunca me farão acreditar que és uma vil mistura. Colhem-te dos galhos dos cyprestes e das negras arvores nas noite de outomno? Não sei... O tosco obituario, onde está escripto o nome de meu pai, não tem senão rozas!

Nossa gentil leitora Jurema Rocha.

Por toda a parte acho-te bella. Mas tu és mais bella quando, sobre uma pagina negra, traças uma estrophe alada onde palpita um coração. Por tua causa, as palavras redomoinham nos labios do poeta.

Longamente elle medita, em silencio, toma da penna e tu chegas como orvalho, onde elle bem elabora a sua pagina. O milagre opera-se!...

Tu és pena e consoladora. Os grandes poetas mergulham nas tuas ondas seus corações despedaçados. Melhor do que o somno, tu proporcionas o esquecimento. Tu és a irmã do immenso Deus Opio. Nunca te deixarei. E' de tua agua de ébano que surgem os verdadeiros lyrios e louros dos triumphos lyricos.

— Bemdicta sejas.

ELZA G. NASCIMENTO.

Pobre Creança!

No fofo collo materno
Ella brincava, a sorrir,
Com sorriso lhano e terno,
De quem não tarda partir.

Da bocca fresca e mimosa,
Que esse almo sorriso encanta,
Sae-lhe um aroma de rosa,
Dentre um ar meigo de santa.

E essa creança rosada,
Cheia de encanto e de luz,
Não tarda ascender, coitada,
Anjo, aos páramos azues!

Um mal secreto e violento
Tão bella existencia mina,
Dahi, o vivo acalento
Da mãe á pobre menina.

Quem a ve rindo, tão bella,
Da aurora ao grato arrebol,
Ah! não acredita que ella
Vae morrer ao pôr do sol!

Luz celeste bem se via
Fulgurando em seu olhar,
Raio d'astro que esse dia
Vae em trevas mergulhar!

A mãesinha, como louca,
Deseja morrer tambem,
Beijando sempre essa bocca
Que ri, quando a morte vem!

E á tarde, quando o poente
Se tinge de baça côr,
Cerra os olhos a innocente,
Qual murcho botão de flôr.

RIC.

Antonio L. Perdigão, filho do Sr. Affonso Perdigão

A CARIDADE

A' minha EDITH

A caridade é a manifestação do sentimento da alma, mas manifestação da alma dentro dos moldes da virtude, formada nas altas regiões bemditas do céo

Para praticarmos a caridade é necessario que ella esteja bem gravada nas paginas Eternas e a nossa caridade attinja as profundezas de nossas almas.

Sempre que podér, devemos empregar nossos esforços em acções meritorias. Devemos saciar a fome ao faminto, a sêde ao sequioso, pousada aos peregrinos e ao naufrago a taboa de salvação, afim de enchermos de satisfação o vacuo do nosso coração. E' mistér que não confundamós, no turbilhão das miserias humanas, a caridade com a vaidade. Aquella é o sentimento mais bello e mais elevado da terra.

Subtil como a sombra, ella se introduz na alma abrasada pelo desanimo e a suavisa como o rocio embalsama as flores resequidas pelo sol.

A vaidade é, pelo contrario, uma ostentação da alma e aquelles que a praticam fazem-na por mera lisonja. Sob a mascara da caridade occulta-se o mais hediondo dos actos a que chamamos vaidade.

Aquelles para com quem praticastes a caridade terrena não levam comsigo as galas com que na terra vós os presenteastes tudo isto fica no pó da terra, mas se os instruistes no caminho directo da vida, levam a escencia sublime e grandiosa de vossas virtudes depositada em suas Almas.

Sondae o grande Oceano e nelle encontrareis varias perolas que modestamente se occultam ; assim a caridade é uma dessas perolas que ornam o coração humano.

A caridade moral é a mais sublime e substancial das saudades que podeis guardar em nossas almas.

Não julgueis plena caridade a acção de afastar o homem dos farrapos domesticos ; mas sim no acto de encadeal-a nas malhas setinosas da virtude.

A caridade, emfim, é uma perola encastoada no escrinio do coração.

LAIDA SILVA.

Gioconda, Floresta e Jorge, galantes filhinhos do Sr. Octaviano Provenzano.

As graciosas Rachel, Deifilia e Aurora, filhas do negociante Sr. Pedro da Silva Quaresma.

Irmão das arvores...

Dentro deste tremendo soffrimento eis que vejo fugir toda a alegria, a alegria que habita os corações moços, os corações pobres que palpitam...

A arvore tambem chora, ella tambem soffre... morre, mas não deixa retumbar o seu arcabouço secco pela morte, emquanto não a vem açoutar alguma ventania, ou golpeal-a a machado rude de um lenhador... assim serei tambem : golpeado pelo destino, que morra esta alegria !... Eu nasci triste muito triste, como é triste o nascer de uma briza sussurrando em uma noite de trevas...

Que eu soffra ainda mais do que tenho soffrido, mas que me lembre sempre daquelles felizes annos passados, annos da minha infancia tão feliz, que depressa findaram, mas que longos são agora no pensamento pois a saudade os prolonga...

Que eu lembre a minha infancia como a arvore lembra, ella, ao lembrar os rebentos moços, robustos e verdes ao nascer... quando já velha e depenada, deixa florescer inda em seu galho murcho, um ramo esmeraldino esperança... viver...

Eu, alquebrado pela dor, por angustias tremendas que á minha mocidade vêm trazendo neves, por vezes, estanco em meio de uma estrada... mas sigo, e... commigo a luz de uns olhos verdes, que me dão esperanças, e são a minha vida...

Como a arvore, não succumbirei em meio da jornada, ella oscilará os seus ramos pelo espaço, desejando subir... eu, caminharei tambem no mesmo espaço, ambicionando pensar...

‹ Sóbe arvore bemdicta, sobe sempre !... emquanto hei de um dia deitar-me á tua sombra para sonhar... sonhar...

Guaratiba, 21 — 3 — 916.

CELSO HERMINIO.

SONETOS

PROVERBIO

Para o amigo Alvaro Bruce Mallio.

Quanto mais me aprofundo, num estudo
Minucioso da Vida, mais descreio
Das illusões. De mim proprio receio,
Receiando de todos e de tudo.

Tenho os cinco sentidos, e, comtudo,
Do amor dispenso o falso devaneio
Quantas vezes desejo, quero, anceio,
Ser para o Mundo, um cégo, surdo e mudo.

Vendo, soffro de Tantalo o castigo
E por mais que me esforce, não consigo
Alcançar o que perto tenho, á frente.

Hei de ser cégo a tudo que lobrigo;
E de ora avante — este proverbio sigo:
—« Que olhos não vêm o coração não sente.»

ALFREDO BREDA.

DE LONGE...

Saudade amarga eu sinto aqui querida,
Lembrando a quadra venturosa, finda...
Ficou-me n'alma após tua partida,
A negra dôr de uma saudade infinda.

Nas trilhas do soffrer, triste e sentida,
Sem esperanças ter da tua vinda,
Minh'alma solitaria e int istecida,
Soluça e chora e treme e soffre ainda!

Surge-me á frente, tetrico, o espantalho
Da desgraça, a meu triste coração,
Do soffrer, apontando o negro atalho.

Oh! vem, querida, devolver-me a calma!
Trazer-me a doce paz, a salvação,
Que comtigo, levaste de minh'alma!

MENDONÇA JUNIOR.

Nictheroy.

VAE!...

Vae... abre teu sorriso ao estulto libertino
Que zomba da innocencia e zomba da virtude,
Vasando em cada beijo o virus assassino
De tudo que é perfeito e enflora a juventude!

Vae... segue o falso amor e cumpra-se o destino!
Jesus me dê conforto e a minha dor se mude,
Em phrases de prazer, vibrantes como um hymno,
Para cantar-te eu, sempre, em meu viver tão rude.

Mysteriosa esphynge, ó vulto da saudade,
Que encheste de tristeza a minha mocidade!
Eu te bemdigo ainda encarnação do Bello!

Enfrento teu desdem desenganoso e forte
Hei de vencel-o um dia, embora encontre a morte
Como um guerreiro antigo ás portas de um castello.

PIERRE LUZ.

Realengo—1915.

ARVORE!

Arvore, minha amiga, e companheira
De vida, o teu fulgor lembra o passado,
Quando, em teu seio, ledo e descuidado,
Eu sonhava existir a vida inteira...

De aroma, canto e amor sempre cercado,
Eu me cria feliz nessa cegueira...
Eras meu bem, minha illusão fagueira,
O meu segundo berço puro e amado...

Mas o destino separou-me, um dia,
De ti, formosa irmã, do teu carinho,
Que entornava em minh'alma a melodia.

Rompendo-se da vida os duros laços,
Quero tornar-me insecto ou passarinho,
Para viver de novo nos teus braços...

ARTHUR LEITE.

1916.

LEVAI!

A' inspirada poetisa Violeta Odette.

A's vezes, pensativa e silenciosa,
Ralado e em ancia o peito, a alma magoada,
Contemplo o céo, a matta, e a rumorosa
Fontinha que deslisa pela estrada;

E a noitinha que desce, descuidosa,
Seu negro manto sobre a terra, e a cada
Estrella que reluz na magestosa
Téla, minh'alma tristemente brada:

Astros, flôres doiradas que bordais
A face tão azul do firmamento;
Noite, dama formosa que arrastais

Seu véo de crepe pelo espaço infindo,
Levai, levai comvosco o meu lamento,
Que desejo viver cantando e rindo!

ODETTE DONAH.

Pedra Branca, Minas.

LUCILIA

Estou a ver-te como vi deitada
A' luz dos cirios a dormir silente!
Toda de branco tendo a fronte ornada
Com o symbolo do céo, de virgem crente.

E foste, doce irmã, d'uma rajada
Arrancada da vida cruelmente
Fulgurando na palpebra cerrada,
Da saudade, uma lagrima pendente!

Emfim... morreste! E a fatalidade
Estendeu sobre nós tanta saudade
Que nem calculas, minha irmã querida!

E' uma dor que viceja! dor que prende
Os nossos corações, e que se estende...
A brotar e a florir p'ra toda a vida!

ORDALIA MOREIRA.

DE LONGE

B. Montes

A' graciosa Harrid (SCHOTTISCH)

F.

P

D. C. 𝄋

Depois

S.PAULO-2-1

ADEUS...

A' minha sincera amiguinha Clara Teixeira Pinto

Descia a noite, vagarosamente, envolvendo a terra em diaphano véo escuro matizado de ouro pelos ultimos clarões solares quasi a se sumirem no horisonte.

Uma viração quente, pesada, como um halito febril, percorria o espaço fazendo estremecer em suas hastes as mimosas floresinhas abertas pela manhã aos beijos puros do orvalho.

As cigarras elevam seus canticos dolentes como que, saudando a hora solemne da Ave-Maria, dessa hora em que, toda a alma christã, alçando os olhos ao céo, dirige á Virgem uma prece.

Entre a matta sombria, ornada de milhares de flores agrestes e o mar com o seu ruido ensurdecedor, arremeçando á brancura da praia as suas aguas de um verde esmaecido, surgia a pequenina ermida, solitaria e triste, assentada sobre uma rocha enegrecida pelo constante embate das ondas em revolta.

Volitando pela torre da capellinha, viam-se innumeras pombinhas alvas, provavelmente atordoadas pelo badalar do sino que as fôra despertar em seus doces ninhos á beira do telhado.

Galguei rapidamente a encosta que se elevava até ao pequenino templo e fui em busca de um dos bancos rusticos que o cercam, afim de entregar-me ao extase daquelles momentos de silenciosa e melancolica poesia, desenrolados assim ante meus olhares deslumbrados. A alma de um artista vibraria de enthusiasmo ao contemplar aquelle soberbo quadro — obra-prima da grande natureza.

Quedei-me pensativa, elevando minh'alma a Deus, quando presenti que alguem vinha subindo a encosta.

Era uma joven. Caminhava a passos e tão absorvida estava em seus pensamentos, que não se apercebeu da minha presença a pouca distancia della.

Olhei-a attentamente. Pareceu-me bella e profundamente triste. Apoiou-se no encosto de um dos bancos, e de pé, de costas para mim, parecia devorar com os olhos a immensidade do mar.

Novo rumor de passos foi ouvido e desta vez, um rapaz, ao contrario da joven, appareceu demonstrando uma grande agitação em todos os seus movimentos.

Ao vel-o, a moça correu ao seu encontro e, travando-lhe das mãos, levou-o até ao banco onde se sentaram.

Não se falaram, mas as suas lagrimas, o tremor das mãos, e os olhares de angustia que se notava em ambos, bem demonstravam o immenso soffrimento que lhes ia por alma.

Levantaram-se, ao ouvir um som surdo quasi lugubre que vinha até nós.

Era um transatlantico que passava vagarosamente, deixando nas aguas esverdeadas uma larga faixa branca.

Com um movimento rapido e nervoso, a joven, com uma das mãos comprimiu o rosto do rapaz junto ao seu, emquanto com a outra lhe apontava o bello e magestoso navio que partia em busca de novas terras e novos mares.

Comprehendi, então, que assistia a uma despedida de apaixonados e que ambos soffriam naquelle momento, a dor terrivel da separação e... talvez de uma separação eterna!

Emquanto a joven soluçava sobre o hombro do bem amado, este a acariciava passando-lhe as mãos pelos cabellos que esvôaçavam levados pelo vento.

Segredava-lhe ao ouvido palavras de amor e de consolo; beijava-lhe as mãos tentando acalmal-a, naquella crise de desespero.

Um ultimo raio de sol, dourando as aguas, veio bater-lhes em cheio, como que os emoldurando. Esse beijo de luz, dir-se-ia uma benção da Virgem, que, lá do céo, os contemplava, recolhendo todas aquellas lagrimas de amor e de saudade!

Nenhum delles já chora mais; falam baixinho ao ouvido um do outro.

O raio de luz vae-se sumindo pouco a pouco, emquanto nos labios da joven um outro raio surgia mais vivo — um sorriso!

Retirei-me, levando nalma uma doce impressão daquella tarde de verão, passada entre a grandeza do mar, a sombria magestade da floresta e a poesia tão divina de um amor entre lagrimas.

Copacabana, 18—2—916

GRAZY

EVOCAÇAO

Para o Album de Mlle...

Queres saber a causa de minhas lagrimas? A historia duma lagrima é sempre a historia dum amor infeliz.

Escuta: Foi em dezembro, no mez das lendas mysteriosas que nos ensinam os christologos. Num jardim, onde o ar era todo dôce e embriagante perfume e o silencio desfeito unicamente pelo cantar dos passaros, ao pé dum calmo lago, eu sonhava com o amor.

O sol mal dissipara o manto crepuscular da terra; as gotas de orvalho — Lagrimas da noite — ali estavam ainda nos foliolos e petalas, attestando o pranto eterno da Natureza, pela loucura de Eva; os colibris e borboletas brancas, em bandos alegres, passam para o sublime banquete matinal que lhes offorecem as flores; as aguas corriam mansamente reflectindo o sol e sorriam docemente ao osculo da brisa. E eu sonhava com o amor...

Subito, uma voz mais doce e senciente que o cantar e sirenas, naiades e fontigenas, despertara-me do sonho. E eu vira então, ao pé do calmo lago, cantando, uma mulher mais formosa que Venus, mais meiga que Maria, mais graciosa que as Charitas, possuidora duns olhos que a palavra não descreve, e mirando-se meigamente no crystal das aguas...

E minha alma partira então, alegremente como os colibris e borboletas brancas, mas para pousar docemente nas rubras e perfumosas petalas de seus labios e sorver loucamente o mel envenenado do nectario de seu coração...

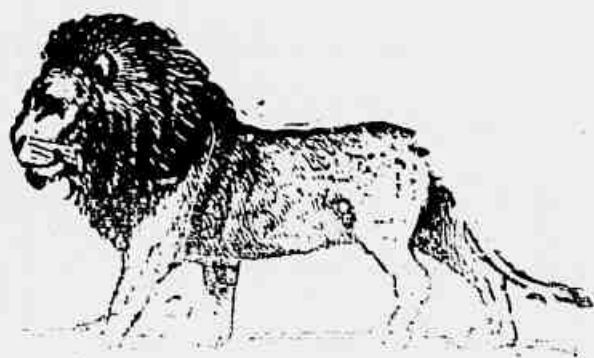
E muito tempo assim fôra como noquella manhã. Mas, numa clara tarde de agosto, ella partira, mergulhara talvez nas enganosas aguas, cantando, como as formosissimas ondinas da lenda, para não mais voltar, para deixar-me só......

E desde então, eu vivo triste e errante na infinita e acerba noite da saudade, com os olhos orvalhados pelas lagrimas, esperando a sua volta como o despontar da alvorada e o irradiar dos dois sóes de seus olhos para vaporisar-me o pranto...

E desde então, eu vivo triste, amargurado e a soluçar, porque feneceram para minha alma as rubras e perfumosas petalas de seus labios, seccara o nectario de seu coração, e nunca mais eu despertara ouvindo aquelle doce e mavioso cantar ao pé do calmo lago...

Ella partira, sorrindo, para envenenar outra alma...

Rio, 2—3—916.

ARVORE DE JUPITER

TORNEIOS CHARADISTICOS

Apuração do quarto torneio :

Chloris, Chrysanthéme d'Or, Colibri, Esmeralda, Leduc, Mimi, Mysteriosa, Nininha, Noemia B, Olympique-Trio, Ruth Villa Flor, Santinha, Violeta, e Zalair 54 pontos — ; Celina, Cecy, Farfalla Azzurra, Junulino, Mlle. Icarahy e Rian — 25; Verda Stelo — 24; Souci — 22; Maluquinha — 21 ; Mercês — 16; Euterpe e Menina de Chocolate — 13 ; Mlle. Alzira — 10; Nemrac Ladiv — 9 ; Pasquinha — 8; Balbina Garcia da Silva — 3 ; Ailez, Clio, Garota Nonicia e Losy — 2; Attly, Aspasia de Mileto, Betty, Carolina da Fonseca, Celina Muniz, Iona, Mar Dag e Sinhá Velha — 1 ponto.

As distinctas collegas que obtiveram 54 pontos são convidadas a enviar-nos até ao dia 6 deste mez um trabalho para o desempate, cuja solução não será indicada na carta em que nos remetterem o problema, que será confeccionado com palavras existentes nos diccionarios J. I. Roquete e Simões da Fonseca.

Por occasião da remessa das soluções dos problemas que compuzerem o desempate, cada autora enviará tambem a do seu trabalho, obrigação que será cumprida mesmo no caso de desistencia de concurrencia ao desempate.

VOTAÇÃO PARA O MELHOR TRABALHO — Recebemos até ao dia 20 deste mez os votos para o melhor problema publicado no quarto torneio.

SEXTO TORNEIO

Problemas ns. 32 a 45

Charadas novissimas

1 - 2 — A outra cousa que o militar usa é uma especie de vestuario feminino.

Farfalla Azzurra.

2 - 2 — Ruy, o teu nome tem fama.

Noemia B.

2 - 1 — Por tanto, para, ave de arribação.

Ailez.

1 - 1 — Tenho aversão de todo o contracto de arrendamento.

Mimi.

(Para a intelligente Euterpe)

2 - 1 — Toda a formosa tem garbo no fallar, quando o sabe fantasiar.

Violeta.

2 - 1 — Com furor o circulo roda na egreja.

As tres graças.

1 - 1 — Irmão, não vês que a condemnada retem o cavalheiro.

Zalair.

1 - 1 — O apparelho tem base com tres pés.

Verda Stelo.

Charadas syncopadas

3 - 2 — Acabo com o homem illustrado.

Nemrac Ladiv.

3 - 2 — Esta machina anda em voga?

Colibri.

Charadas casaes

2 — Carga de militar.

Maria da Fonte.

2 — Cousa ruim, cousa boa.

Anna Glawary.

2 — Devido á escuridão apanhei uma surra.

Leduc.

2 — Um grupo de flores é um ardil.

Junulino.

CORRESPONDENCIA

Bloco das encantadas — O seu enigma não está perfeito.
Isa — Não publicamos charadas transcriptas.
Flor de Liz — Inscripta.
Anna Glawary — Inscripta. O Danilo aqui não tem entrada.
Maria da Fonte e *D. Mocinha* — Inscriptas.
Alayde — O seu trabalho está bom. Cultiva muito a modestia!
Farfalla Azzurra — Sciente. Cumprimos a sua determinação.
Menina de Chocolate, Cabiria, Nizela, Somnambula, Mercês, Euterpe, Colibri, Chysanthème d'Or, Nysteriosa e *Fé, Esperança Caridade* — Recebemos.

Orama.

COUPON
Torneio charadistico para moças
Voto no problema n.º

COUPON
Torneio charadistico para moças.
1—4—916

Correspondencia do JORNAL DAS MOÇAS

A. MARQUES — O cavalheiro, pelo que vemos, faz o peior juizo de nosso preparo intellectual. Envia-nos um soneto, como da autoria de Hermes Fontes e um pedido do mesmo para que saia firmado por Jasey, começando o pedido por *Peço-vos* e terminando por *creia-me!* E' de mais! Por sua vez o soneto que diz de Hermes Fontes traz estes versos:

Lembras-te quando eu te fiz um dia de presente,
Tu ficaste alegre e eu fiquei contente
Murcha e fica secca e torna-se a gente
Brigas commigo, seja... tudo acabamos...

E' ter topete e ser ao mesmo tempo tapado de mais!

C. DE LOURDES—O seu *Recordando* tem tanta volupia que, publical-o nesta revista, seria confessarmos tacitamente havermos errado na escolha de seu titulo! Mas é pena, está tão bem escripto!

AZIOL — Nictheroy — Tem tão pouco interesse a sua *Dor suprema!* Purque não escreve algumas ligeiras fantasias com mais apuro litterario?

J. FRANCESCHINO — *Num beijo!* Que de cousas deliciosas a escrever sobre esje thema de uma amorosidade cheia de febre! Entretanto, o amigo só conseguiu umas quatro ligeiras paginas num estylo arrastado e por demais frivolo.

A. F. A. F., E. NASCIMENTO, ANSIL, L. BASTOS, J. CARNEIRO, D. DOS SANTOS, HEITOR CARDOSO, ROCHA FERREIRA, A. S., A. A. P., e O. MASTRANGELO — Sem alguns retoques as suas producções poeticas não poderão ser publicadas.

N. FONSECA — Alguns de seus escriptos serão aproveitados, menos *A' ma cherie mère* cujo estylo está um pouco estrambotico,

BIAS GUIMARÃES — Não sabemos onde foi o amigo poeta descobrir a palavra *tempe* para qualificar a *formosura do solo* e muito menos a possibilidade disso rimar com *sempre.* Nós, si fossemos o amigo, tinhamos arranjado logo a coisa certa, isto é, *tempre!*

ZILÉA, JULIO FIGUEIREDO, OSIRIS CALDAS, MATTOS GOMES, ARISTOTELES PINTO, VEIGA RODRIGUES, SYRIO, ADHEMAR SANTOS, HEITOR, ADAMASTOR SOUZA, LANY NERY, ARLINDO GARCIA, ADELIA R., ROTICH, EMMA AZEVEDO, RUDE, ARVORE DE JUPITER, N. POSSIDONIO, BELIGROT, CASTRO SOUZA e J. MACEIÓ — Os seus escriptos estão bem reguardadinhos do mau tempo dos ultimos dias, aguardando apenas algum espaço nas columnas desta revista.

ARTHUR ARAUJO, ALMIR DOMINGUES, FLORIANO BASTOS, WALDEMAR, DALZA R., PIERRE LUZ, N. IPIRANGA, J. DE ZURBARAN, GYL MAIA e PEREIRA BASTOS — Bem feitos os versos, bem cuidada a fórma e apreciavel o assumpto, o que não está de accordo é a falta de espaço para tantas producções litterarias! Si não houver paciencia, não sabemos como contentar a tantos!

H. GRAÇA — O soneto, pelo cavalheiro firmado, si não é plagio, a coisa anda por perto. Pois nem passado a limpo foi com o cuidado preciso, pois, dentre a belleza e a felicidade do assumpto, surge a falta da precisa pontuação e uma conjuncção para completar o numero de syllabas de um verso!

ARISTON S. DE SOUZA — Não nos poderá enviar o poeta outra producção sua que não seja *Horrivel Dor?*

ISAAC PAIXÃO — Os seus versos estão mal metrificados e sem rimas.

N. FONSECA — O seu *Cœur Larmoyant* podia estar mais bem escripto, como acontece a outros trabalhos seus que temos sobre a mesa.

SYLVIO ESPINHEIRA — Sem metrificação, o verso não é verso.

M. M. — Quem assigna o perfil que nos enviou não o escreveu, porque nem passar a limpo o soube e tão cedo não escreverá cousa que se pareça com esse perfil.

INDISCRETO — Tambem o senhor escreveu sobre o *Beijo* e com tamanha *indiscreção* litteraria, que nem a simples menção de tal facto merece o trabalho que estamos tendo.

J. PINTO JUNIOR — *S. João da Boa Vista, S. Paulo* — Póde enviar as photographias que quizer, desde que sejam de senhoritas ou de senhoras.

DE TUDO UM POUCO

As bodas na Bohemia

Entre as cerimonias que realizam na Bohemia quando se celebra uma boda, figura a de fazer passar a noiva por uma ponte de dinheiro.

Essa ponte é construida pelo pae do noivo, collocando sobre uma mesa duas filas parallelas de moedas de prata. A recem-casada sobe á mesa e percorre-a, pisando por sobre as moedas e seu esposo a recebe nos braços.

A ponte de prata symbolisa a felicidade que o noivo espera gozar na vida.

Uma princeza decidida

A princeza Raulina, mulher do principe herdeiro de Wied, filho do rei de Wurtemberg, desembarcou ha dias em Ronschach, procedente de Friederichshaten.

Quando atravessava o caes, viu um pobre velho que, fazendo um grande esforça puxava uma carreta carregada de bagagens. O homem, coitado, suava como um boi, e era tão visivel o seu esforço que estava encarnado como uma romã.

Vendo que ninguem se aproximava do pobre velho para o ajudar na sua rude tarefa, a princeza, que é uma mocetona forte e decidida, deitou a mão á lança da carreta e rindo e chalaceando auxiliou o velhote a arrastar a carripana por uma subida bastante ingreme.

Vencida a ladeira, a princeza disse adeus ao velhote, que nunca vira a seu lado rapariga tão encantadora e desappareceu entre a multidão.

Só passado bastante tempo é que se soube que aquelle Cyrineu feminino era nem mais nem menos do que uma futura rainha.

Um reino ideal

Conhecem o rei Darco?... Com certeza não conhecem. Pois este cavalheiro reina sobre uns sessenta e tantos subditos, na ilha de Galita, na costa norte da Tunisia. Os habitantes deste reino microscopico vivem em cavernas ou em grutas abertas nos rechedos, e sustemtam-se da pesca e do pouco que podem cultival.

O tenente Galbert, encarregado pelo governo francez de levantar a planta desta ilha para o serviço geographico do exercito, foi amavelmente recebido pelo rei Darco que se queixou de que um contradandista chamado Masella, que é o mais rico cidadão da ilha, pretende usurpar-lhe o poder.

E' a unica coisa que preoccupa este monarcha, pois receia, si não for auxiliado por alguem, que o seu adversario o obrigue a tomar o caminho do exilio.

O tenente procurou serenar o desassocegado soberano dizendo-lhe que a França o protegeria quando tentassem investir contra a sua autoridade real.

Na ilha não ha funccionarios, nem se pagam impostos e existe apenas um... burro! Que reino ideal este, em que não se pagam impostos, não ha funccionarios e apenas existe um burro!

As predilecções dos Reis

O divertimento favorito do rei Victor, da Italia, é caçar gazellas nos Alpes; a czar Nicoláo e musico e "boxeur"; a rainha Helena, da Italia, cultivu a literatura e é poetisa bastante apreciada. Seu pae, o rei Nicoláo de Montenegro, é, como se sabe, um excellente poeta.

O rei da Belgica pratica todos os "sport", mas, sobretudo, a bycicleta.

O kaiser Guilherme II é apaixonado pela equitação e a imperatriz da Allemanha é apaixonada pelo piano.

Bengalas notaveis

A collecção de bengalas do rei Jorge talvez seja entre todas a mais interessante e notavel. Possue sua magestade nada menos de 2.000 bengalas.

Ja pertencera a collecção ao seu pae que considerava a sua bengala quasi como um amigo e sempre trazia uma.

A sua favorita tinha sido muito usada pela rainha Victoria. Essa bengala notavel era feita do galho de um carvalho de Boscobel, onde se tinha escondido Carlos II, fugindo aos soldados de Cromwell. A rainha Victoria mandou engastar um idolo de Seringapatan no seu cabo.

Outra bengala notavel da collecção é feita de um só chifre de rhinoceronte branco, especie que se extinguiu, do qual se originou talvez o unicornio heraldico. Essa bengala de chifre foi dada ha mais de quarenta annos por um chefe Kaffir a Luiz Salamon, "pioner" do Sul da Africa, e, collocada num estojo de bambú, foi offerecida ao rei Eduardo quando elle inaugurou a Exposição Sul-Africana de 1907.

Mr. Winstou Churcill e Lord Rooseгy têm tambem interessantes collecções de bengalas, mas não de tão grande valor como a de Lord Anglesey, cuja collecção, vendida depois de sua morte, obteve duas mil libras.

Mas talvez a mais extraordinaria bengala existente seja a que possuia um marinheiro da H. M. S. "Glory", que era feita de cartas de amor collocadas sobre um espigão de aço perfeitamente dispostas.

RECEITAS

Fôfos de amendoa

Amendoas doces pisadas e piadas, 250 gs.; assucar a mesma porção; gemmas de ovos, 12; claras, 5; manteiga para untar a que baste, bem como o verniz para doces.

Bate-se o assucar com as gemmas dos ovos e, depois de bem ligada a massa, junte-se a amendoa perfeitamente pisada, mexendo bem.

A' parte, as claras de ovos bem batidas até ficarem nervosas, juntam-se-a o resto da massa e continua a bater-se tudo por cerca de meia hora.

Distribue-se a massa por fôrmas untadas de manteiga, que são levadas ao fogo forte.

Depois de cosidos, são os bolos envernisados.

Bolo ligeiro

4 ovos e uma chicara grande de assucar, bate-se muito bem, junta-se uma chicara de manteiga derretida, uma chicara de farinha de trigo ou mayzena, um copo mal cheio de leite. Vai ao forno quente, na forma untada com manteiga, e torrada de papel branco. Experimenta-se com um palito, se o palito sahir molhado, é porque não está completamente cosido.

Morangos com vinho branco

Morangos, assucar e vinho branco fino em quantidade que se queira.

Lavam-se os morangos, enxugam-se e deitam-se numa taça polvilhando-os com assucar.

Agita-se a taça para fazer rolar os morangos no assucar, regam-se com vinho e servem-se.

Nata com kirsch (bebida ingleza)

Nata 1 kilo; amido, 40 gs.; assucar 125 e hirsch, um calix pequeno.

Bate-se tudo bem com uma batedeira de pau, tirando a espuma á medida que se fôr formando.

Terminada a operação, dispõe-se a nata em pires ou conchas em fórma de pyramides e serve-se.

UM CONSELHO

Todas as moças desejam em geral ser attrahentes, porém nem todas são doptadas de belleza, por conseguinte é necessario para estas um *dom* sympathico e para obtel-o é preciso o uso constante do

Creme Dental Kolynos

que limpa e conserva os dentes. Quem tiver uma bella e bem tratada dentadura naturalmente fará resplandecer sobre si todos os olhares de sympathia e admiração.

O Creme Dental Kolynos é encontrado nas boas perfumarias, pharmacias e na

CASA CIRIO ✳ ✳ RUA DO OUVIDOR N. 183

SAPATARIA IDEAL

Sempre ultimas novidades em calçados finos

M. R. RODRIGUES

50, Rua da Carioca, 50

Teleph. 2636-Central — Rio de Janeiro

Usado e preferido em toda a parte

Agua saborosa e sempre fresca

PRATICO E ELEGANTE

Á venda em todas as casas de 1.ª ordem

FABRICA

J. R. NUNES

160, RUA 24 DE MAIO, 162

Estação do Riachuelo

SANAGRYPPE

Os que desconhecem o que significa o nome que encima estas linhas, podem no primeiro momento julgar que se trata de uma phrase em vóga ou que indique uma nullidade qualquer.

O nome **Sanagryppe** pertence a um medicamento homœopatha obtido na flora Brasileira e que gosa de propriedades therapeuticas altamente consumadas na cura das constipações ou resfriamentos que se manifestam com febre, calafrios, dôres no corpo em geral, tosse com inflamação da larynge, rouquidão, etc.

O **Sanagryppe** tem as propriedades de abortar as constipações quando tomado a tempo, sendo de grande conveniencia armarem-se de um frasco na época em que a influencia é quasi epidemia.

Tem o **Sanagryppe,** entre os seus collegas, a vantagem de não exigir dieta alguma, gosando por esse motivo, de preferencia.

O preço de cada vidro é de **mil réis** apenas.

O **Sanagryppe** encontra-se á venda nas melhores pharmacias do Districto Federal e do interior pelo preço do laboratorio e pharmacia dos fabricantes.

Almeida Cardoso & C.

11, Rua Marechal Floriano Peixoto, 11

RIO DE JANEIRO

CASA PAZ

Grande sortimento de chapéos para senhoras e senhoritas, ultimos modelos, elegantes, chics e baratos.

Enorme sortimento de fôrmas e toda a qualidade de enfeites para a confecção de chapéos, tudo na ultima moda.

PREÇOS BARATISSIMOS

Reforma, lava e tinge

Rua 7 de Setembro, 163

(Em frente ao Parc Royal)

O LOPES

E' quem dá a fortuna mais rapida nas Loterias e offerece maiores vantagens ao publico

Rua do Ouvidor 151 - Rua da Quitanda 79 (Canto Ouvidor) - **Rua Primeiro de Março 53**

Filial: Rua 15 de Novembro 50, S. Paulo.

O Turf Bolo e mais apostas sôbre corridas de cavallos — RUA DO OUVIDOR N. 181

GUARANESIA

Soffreis do Estomago, Intestinos e coração?... usai

Guaranesia

Em todas as Pharmacias e Drogarias

Um calix ao deitar, ao levantar, ás refeições evita muitos soffrimentos.

DEPOSITARIOS:

Campos Heitor & C.

Rua Uruguayana, 35

RIO DE JANEIRO

NÃO FORAM PUBLICADOS OS DIAS: 2 A 15